

Manejo Comunitário no Acre

Manejo Comunitário no Acre



A marca da gestão
florestal responsável

Este estudo foi realizado por meio de uma parceria entre o Conselho Brasileiro de Manejo Florestal (FSC-Brasil) e o Centro dos Trabalhadores da Amazônia (CTA), financiado pela Agência de Cooperação BlueMoon, no período de Dezembro de 2011 a Agosto de 2012

Manejo Comunitário No Acre | 2013

Autores

Otávio Marangoni Souza

Maria José Albuquerque

Edição de textos

Beatriz Limberger

Revisão de textos

Mariana Bouza Cabarcos Chaubet

Beatriz Limberger

Projeto gráfico

Monique Schenkels

Fotos

páginas 30-31, 40-41, 56 e 62-63: Fabíola Zerbini

páginas 57 e 74-75: Acervo Cooperfloresta (2013)

ISBN

978-85-66565-01-0

9 1. Contexto

12 2. Métodos

12 2.1 Oferta de madeira nativa de comunidades do Acre

14 2.2. Demanda por madeira nativa dos centros de beneficiamento e consumo

16 3. Oferta de madeira nativa de comunidades do Acre

16 3.1 Em 2010

16 3.1.1 Madeira nativa de comunidades

20 3.1.2 Madeira nativa certificada Fsc

21 3.2 Em 2011

21 3.2.1 Madeira nativa de comunidades

27 3.2.2 Madeira nativa certificada Fsc

28 4. Demanda pelos centros de beneficiamento e consumo

32 4.1. Serrarias

42 4.2 Marcenarias

53 5. Demanda de madeira certificada FSC de comunidades do Acre

55 6. Considerações finais

61 7. Referências bibliográficas

64 8. Apêndices



manejo florestal comunitário é uma estratégia de desenvolvimento sustentável, uma vez que visa a obtenção de produtos florestais, madeireiros e não madeireiros, gerar fontes alternativas de renda e, ainda, tem a função de proteger as florestas comunitárias de ameaças como o desmatamento ilegal e do avanço da pecuária.

O Estado do Acre possui grande importância neste cenário, pois abrigou projetos piloto de manejo florestal comunitário e possui uma área expressiva de domínio comunitário passível de se manejar. De acordo com os dados fornecidos pelo Zoneamento Ecológico Econômico (ZEE) do Acre, de 2006, que classificou as áreas de floresta em regimes de propriedade, estima-se que a área de floresta sob domínio comunitário é de 3.867.417,75 hectares, correspondendo a 26,26% da área florestal do Acre.

Diante da necessidade do fornecimento de produtos florestais para indústrias de diversos segmentos, do potencial do Estado do Acre em ofertar madeira nativa de áreas de florestas comunitárias e aliado à necessidade de um manejo florestal capaz de gerar renda sem desequilíbrios ambientais e com responsabilidade social, as associações de manejadores locais juntamente com instituições de apoio, buscaram a certificação florestal FSC. Atualmente, existem quatro comunidades certificadas pelo FSC (e três estão em fase de certificação) que ofertam anualmente um novo produto, agregado de valores não monetários: a madeira nativa de comunidades certificadas.

Com o surgimento da oferta de madeira certificada FSC no mercado acreano, alguns centros de beneficiamento e consumo de madeira, como serrarias e marcenarias, buscaram a certificação de cadeia de custódia, com a finalidade de beneficiar essa madeira, criando-se, por conseguinte, a demanda por madeira certificada FSC.

Diante deste cenário, o Centro dos Trabalhadores da Amazônia - CTA, juntamente com o Conselho Brasileiro de Manejo Florestal - FSC-Brasil, a partir do projeto "Consumo responsável dos recursos florestais do Brasil", realizaram um diagnóstico do setor madeireiro acreano, para quantificar e qualificar a oferta de madeira nativa de comunidades, com foco em certificação florestal FSC e a demanda por madeira nativa dos centros de beneficiamento e consumo do Acre.

Nesta pesquisa, identificou-se a oferta de madeira de comunidades do Estado do Acre a partir do licenciamento dos Planos Operacionais Anuais (POA's) das comunidades. Para se determinar a demanda de madeira dos centros de beneficiamento e consumo, realizou-se um diagnóstico nas serrarias e marcenarias de três municípios: Rio Branco, Cruzeiro do Sul e Xapuri. Os resultados da primeira etapa da pesquisa de mercado do setor madeireiro acreano foram compilados e apresentados neste documento.

ASPD Associação Seringueira Porto Dias;
AMARCA Associação dos Moradores e Agroextrativistas do Remanso de Capixaba, Acre;
AMPPAE-CM Associação dos Moradores e Produtores do Projeto de Assentamento Agroextrativista - Chico Mendes;
ASPPAAE-SE Associação dos Produtores do Projeto de Assentamento Agroextrativista - Seringal Equador;
CTA Centro dos Trabalhadores da Amazônia;
FSC Conselho de Manejo Florestal (sigla em inglês para *Forest Stewardship Council*);
IMAC Instituto de Meio Ambiente do Acre;
POA Plano Operacional Anual;
AAUPP Associação Agroextrativista Unidos pela Paz;
AASJ Associação Agroextrativista São José;
ASREXC Associação dos Seringueiros, Ribeirinhos e Extrativistas do Caquetá;
PAE Projeto de Assentamento Agroextrativista;
PMFS Plano de Manejo Florestal Sustentado;
ZEE Zoneamento Ecológico-Econômico
FAO Organização das Nações Unidas para Agricultura e Alimentação;
IMAZON Instituto do Homem e Meio Ambiente da Amazônia;
IBGE Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística;
PA Projeto de Assentamento;
PDS Projeto de Desenvolvimento Sustentável;
ASPRORNEC Associação dos Produtores e Produtoras Rurais do PDS Nova Esperança e Circunvizinhas;
APAEPL Associação dos Produtores Agroextrativistas do Projeto Limoeiro;
AAAPAECDPN Associação dos Assentados Agroextrativistas do PAE Canary, Deus é Por Nós;
ASPRORVF Associação de Produtores e Produtoras Rurais Verdes Florestas;
APPRFD Associação dos Pequenos Produtores Rurais Fé em Deus;
AAAPRPAPF Associação Agrícola dos Produtores Rurais do PA Pedro Firmino;
SAPRRS Sociedade Agrícola dos Produtores Rurais do Ramal São Paulo;

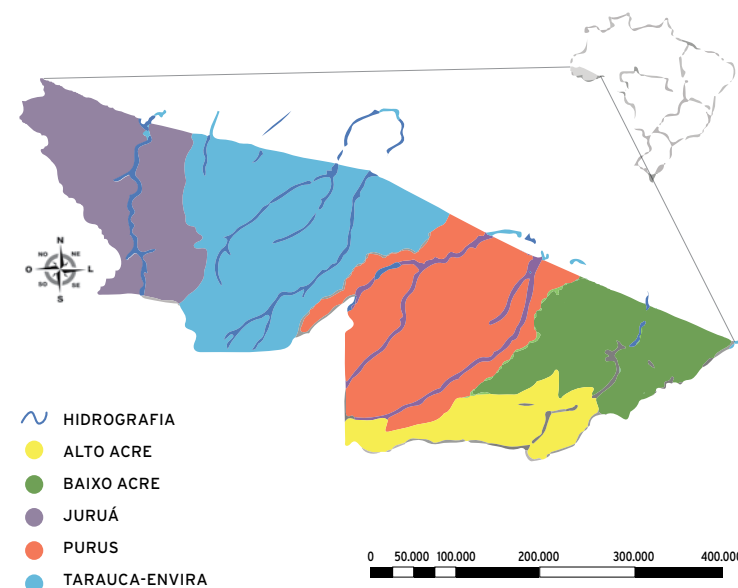
1. CONTEXTO

O manejo florestal comunitário é uma estratégia que permite viabilizar o desenvolvimento sustentável, uma vez que proporciona a geração de trabalho e renda, assegura a conservação das florestas de domínio comunitário e promove serviços sociais. Nesse sentido, diversos países, principalmente aqueles que possuem florestas tropicais, adotam o manejo florestal como alternativa de desenvolvimento sustentável, devido a grande importância das florestas sob domínio de populações camponesas e tradicionais.

O Brasil, país com grande potencial florestal, agrega diversas experiências de manejo comunitário de florestas nativas para obtenção de produtos madeireiros e não madeireiros, principalmente na região Amazônica. De acordo com dados do IMAZON, em sua publicação *Fatos Florestais 2010*, o manejo florestal comunitário e familiar para a produção madeireira beneficiou cerca de 5.459 famílias que manejam uma área aproximada de 851 mil hectares, nos anos de 2009 e 2010. Os Estados da Amazônia que apresentaram maior número de iniciativas de manejo florestal comunitário e familiar foram, respectivamente: Amazonas (74%), Pará (14%) e Acre (5%).

O Zoneamento Ecológico Econômico do Estado do Acre definiu cinco regionais de desenvolvimento para o Estado, que correspondem as microrregiões estabelecidas pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), conforme demonstra a figura 1:

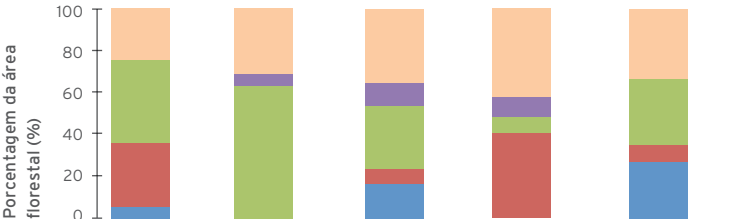
FIGURA 1: REGIONAIS DE DESENVOLVIMENTO DO ESTADO DO ACRE, CORRESPONDENTE AS MICRORREGIÕES DO IBGE. (DADOS: ZEE, 2006)



O Estado do Acre, localizado a sudoeste da Amazônia, possui grande potencial para o desenvolvimento da indústria florestal, devido a diversos fatores. Dentre esses fatores, cita-se a extensão de área florestal existente. O ZEE (2006) estima que existam 14.726.274,87 hectares de floresta em todo o Acre. O GRAFICO 01 demonstra a porcentagem de área florestal relativa a Florestas privadas e não discriminadas (FPND), Florestas públicas (FP), Áreas comunitárias (AC), Terras indígenas (TI) e Unidades de conservação de proteção integral (UCPI), relacionando-se as cinco regionais de desenvolvimento do Acre.

A importância do manejo florestal em áreas comunitárias é constatada em, principalmente, quatro das cinco regionais de desenvolvimento: Baixo Acre (63,36%), Alto Acre (38,78%), Juruá (32,65%) e Purus (29,53%) e, na regional Tarauacá/Envira, representou 7,56% das florestas.

GRÁFICO 1: DISTRIBUIÇÃO PERCENTUAL DAS FLORESTAS DO ACRE, POR REGIONAL, POR REGIME DE PROPRIEDADE (DADOS: ACRE (2006), ADAPTADO PELO AUTOR)



	Alto Acre	Baixo Acre	Purus	Tarauacá/Envira	Juruá
FPND	24,65	31,55	35,19	42,41	32,18
FP	0,00	5,09	10,84	9,41	0,00
AC	38,78	63,36	29,53	7,56	32,65
TI	30,07	0,00	6,71	40,62	7,38
UCPI	6,20	0,00	17,73	0,00	27,79

Com relação à certificação do manejo florestal madeireiro de comunidades, o Acre abriga atualmente 100% das iniciativas de manejo florestal comunitário certificado FSC, de forma que quatro comunidades já possuem o selo e três estão em fase de certificação. Ainda, existe a Cooperativa dos Produtores Florestais Comunitários (Cooperfloresta), que tem a finalidade de fomentar o manejo florestal, atuando no fornecimento de serviços e produtos florestais certificados FSC de comunidades acreanas.

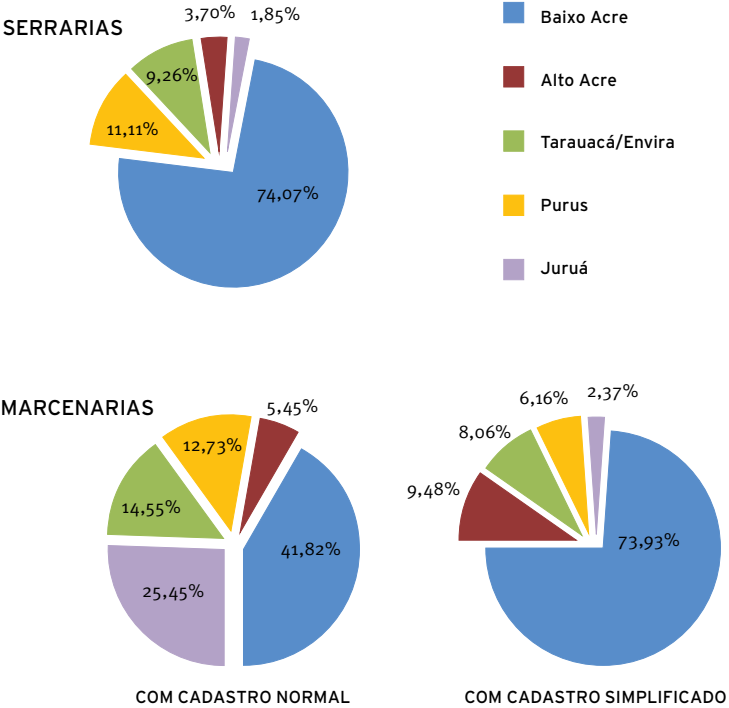
A Cooperfloresta, fundada em 2005, busca a consolidação do mercado de produtos certificados FSC das comunidades que a compõem: a Associação Seringueira Porto Dias (PAE Porto Dias), a Associação dos Moradores e Agroextrativistas do Remanso de Capixaba, Acre (PAE São Luís do Remanso), a Associação dos Moradores e Produtores do Projeto de Assentamento Agroextrativista - Chico Mendes (PAE Chico Mendes) e a Associação dos Produ-

tores do Projeto de Assentamento Agroextrativista - Seringal Equador (PAE Equador), todas certificadas atualmente, e a APPRFD - Fé em Deus (PAE Chico Mendes) e um grupo de manejadores da RESEX Chico Mendes, em fase de certificação florestal.

Na área econômica, estudos realizados pelo Serviço Florestal Brasileiro (SFB) e IMAZON, em 2010, apontam que a indústria madeireira acreana gerou uma receita bruta de cerca de 182 milhões de reais, viabilizando 4.641 empregos diretos e indiretos.

De acordo com um levantamento realizado no IMAC, órgão responsável pelo licenciamento e fiscalização, até a data de realização desta pesquisa, foram identificados registros de 54 serrarias e 266 marcenarias, sendo que 55 possuem cadastro normal e 211 com cadastro simplificado, que se diferenciam do cadastro normal pelo fato de ter armazenamento e/ou consumo máximo de madeira de 10 m³/mês. O GRAFICO 02 demonstra a distribuição percentual dos centros de beneficiamento e consumo de madeira do Acre, por regionais de desenvolvimento.

GRÁFICO 2: DISTRIBUIÇÃO DAS SERRARIAS E MARCENARIAS, POR REGIONAIS DE DESENVOLVIMENTO DO ACRE. (DADOS: IMAC, 2012)



Verificou-se a ocorrência de alta concentração dos centros de beneficiamento e consumo (serrarias e marcenarias) na regional Baixo Acre, com destaque para Rio Branco, capital do Estado, que abriga grande parte desses empreendimentos.

O Governo do Acre vem definindo uma política de apoio ao setor madeireiro local, considerando a importância deste segmento para a economia acreana. As atividades governamentais tem a finalidade de fomentar a legalização dos empreendimentos com o compromisso de fornecimento de madeira legal aos centros de beneficiamento e consumo.

Outra frente de atuação do governo local busca incluir esses empreendimentos nos processos de compras governamentais. Mais recentemente, foi assinado um termo de cooperação, demandado a partir da organização dos marceneiros do Acre, para garantir a compra legal de 10 espécies madeiras, no valor estabelecido de R\$400,00 o metro cúbico (valor abaixo do praticado no mercado local anteriormente).

Considerando a contextualização apresentada, esta pesquisa buscou conhecer melhor o setor madeireiro acreano, caracterizando a oferta de madeira de comunidades do Acre, por meio dos POA's 2010 e 2011, bem como da demanda de madeira dos centros de beneficiamento e consumo, caracterizados aqui pelas serrarias e marcenarias.

2. MÉTODOS

Para obter informações acerca do mercado madeireiro acreano e da certificação florestal no Acre, realizou-se um diagnóstico de oferta de madeira nativa comunitária e demanda por madeira certificada no mercado local nos meses de Março a Junho de 2012. A identificação dos sujeitos beneficiários da pesquisa, a metodologia utilizada para coleta dos dados primários relacionados à oferta e demanda, o conteúdo dos procedimentos para se obter tais dados e o processo de amostragem serão descritos a seguir.

De posse da oferta e demanda de madeira nativa de comunidades certificadas FSC no estado do Acre, realizou-se um cruzamento da oferta e demanda nos municípios de Rio Branco, Cruzeiro do Sul e Xapuri.

2.1 Oferta de madeira nativa de comunidades do acre

O método utilizado para a determinação da oferta de madeira nativa de comunidades do Estado do Acre consistiu em três etapas principais: (i) coleta de dados, (ii) tabulação dos dados e, por fim, (iii) análise.

A coleta de dados foi realizada a partir dos Planos Operacionais Anuais (POA's) referentes aos anos de 2010 e 2011, protocolados e parte licenciados no Instituto de Meio Ambiente do Acre (IMAC), a partir da base de dados desta instituição. O POA é parte constituinte do PMFS e tem como objetivo principal descrever as etapas para a exploração sob o manejo florestal de determinada área a ser realizada em um ano específico. O ano utilizado como base para

este estudo foi o determinado no POA, o que não define, necessariamente, o ano de realização da extração florestal em campo.

A partir da coleta, os dados foram sistematizados e tabulados e, por conseguinte, procedeu-se a análise e a construção de uma base de dados do manejo florestal comunitário do Estado do Acre, utilizando-se o Microsoft Excel para abrigar as informações e auxiliar, por meio de suas ferramentas, a filtragem e localização das informações importantes.

As informações gerais das comunidades que realizam o manejo florestal madeireiro, da extração florestal em processo de licenciamento (espécies e volumetria) e outros itens relacionados à oferta de madeira de comunidades foram tabulados para comporem a base de dados.

Esta base de dados visa concentrar e organizar as informações do manejo florestal comunitário do Acre a partir do ano de 2010, permitindo a realização de análises setorializadas por ano, por regionais de desenvolvimento do Estado (determinadas pelo Zoneamento Ecológico Econômico do Acre), por município, ou até mesmo por espécie, identificando quais as comunidades e/ou regiões que licenciaram determinadas espécies para exploração. A FIGURA 02 ilustra a maneira com que foi estruturada parte da base de dados do manejo florestal comunitário do Estado do Acre.

FIGURA 2: FRAGMENTO DA BASE DE DADOS DO MANEJO FLORESTAL COMUNITÁRIO DO ESTADO DO ACRE

	Nome vernacular	Nome científico	19		20		TOTAL POR SÉRIE	
			ASPRORNEC (POA 2011)		AAUPP (POA 2011)			
			Volume explorável (m³)	Número de indivíduos	Volume explorável (m³)	Número de indivíduos	Volume explorável (m³)	Número de indivíduos
86	Pereiro (Peroba)	Aspidosperma macrocarpon	-	-	-	-	450,321	57
87	Pinho-cuiabano (Paricá)	Schizolobium amazonicum	-	-	-	-	86,371	18
88	Pororoca	Martiodendrum elatum	-	-	-	-	21,54	6
89	Quaruba (Cambara)	Vochysia maxima	-	-	-	-	342,812	59
90	Roxinho	Peltogyne paniculata Benth	-	-	36,729	7	92,218	23
91	Samaúma	Ceiba sp.	-	-	-	-	407,211	24
92	Samauma-branca	Ceiba Pentandra	449,865	32	420,347	22	5,781,785	443
93	Samauma-vermelha (Preta)	Eriotheca longipedicellata	-	-	71,778	7	1348,641	171
94	Sapucaia	Lecythis pisonis	-	-	-	-	26,86	5
95	Sucupira amarela	Vatairea sericea	-	-	-	-	218,601	49
96	Sucupira preta	Diploptropis purpurea	-	-	-	-	8,345	2
97	Tamarindo	Dialium guianensis	42,518	10	-	-	633,066	182
98	Tanibuca	Buchenaviacapitata	138,226	15	-	-	289,589	33
99	Tauari	Couratari guianensis	-	-	198,165	19	6370,517	701
100	Tauari 2	Couratari macrosperma	381,422	35			381,422	35
101	Tauari fofo (munguba)	Bombax munguba	-	-	-	-	274,465	38
102	Tomate-preto	Não identificado	-	-	-	65,293	12	
103	Timburi	Enterolobium maximum	-	-	64,950	4	328,545	31
104	Ucuuba	Virola sp.	-	-	-	-	189,909	33
105	Ucuuba-preta	Virola Sbiifera	-	-	-	-	136,803	31
106	Violeta	Peltogyne catingae	-	-	21,984	4	553,027	102
107	Xixa (abobrao)	Sterculia speciosa	14,964	2	38,793	5	1123,436	180
TOTAL POR COMUNIDADE			3.541,618	389	3.125,680	321	65856,196	8599

QUADRO 1: CONTEÚDO DOS INSTRUMENTOS DE COLETA DA OFERTA DE MADEIRA COMUNITÁRIA DO ACRE.

Identificação das comunidades

- * Nome, localização e detentores dos Planos de Manejo Florestal Comunitário;
- * Número de famílias cadastradas e envolvidas no manejo florestal;
- * Área de manejo relacionada aos POA's.

Características dos Planos Operacionais Anuais (POA's)

- * Nome vernacular e científico das espécies selecionadas para corte nos anos de 2010 e 2011;
- * Número de árvores e volumetria selecionada para corte, por espécie;
- * Determinação das principais espécies licenciadas por comunidade, por regionais de desenvolvimento e geral;
- * Somatório dos volumes por espécie, por ano e por comunidade;
- * Participação das comunidades na oferta de madeira nativa licenciada;
- * Relação da oferta de madeira comunitária certificada

2.2 Demanda por madeira nativa dos centros de beneficiamento e consumo

Esta pesquisa utilizou o método de entrevistas denominado **face-a-face**, considerando este método adequado para obter informações mais aprofundadas, buscando identificar os aspectos quantitativos e também qualitativos do universo pesquisado, ou seja, do mercado madeireiro do Estado do Acre. Dessa forma, as entrevistas foram realizadas nos centros de beneficiamento e consumo de madeira nativa do Estado do Acre, nos municípios de Rio Branco, Cruzeiro do Sul e Xapuri. A escolha dos municípios se deu pela importância dos mesmos no mercado de madeira nativa para o Estado e para o Brasil.

Os dados primários referentes à demanda por madeira nativa nos centros de beneficiamento e consumo foram coletados por meio de **entrevistas semiestruturadas**, guiadas por um formulário contendo perguntas fechadas e abertas. As perguntas abertas tiveram a finalidade de tornar a entrevista mais qualitativa e com maior detalhamento dos temas discutidos, permitindo ao entrevistado manifestar suas opiniões e aprofundar nos temas de maior interesse.

Com relação ao conteúdo dos instrumentos de coleta, as entrevistas coletaram dados referentes à: (i) identificação das empresas madeireiras do Acre; (ii) caracterização da matéria prima; (iii) destinação da produção, e; (iv) certificação florestal, conforme demonstra o quadro 2:

QUADRO 2: CONTEÚDO DOS INSTRUMENTOS DE COLETA DA DEMANDA DE MADEIRA DOS CENTROS DE BENEFICIAMENTO E CONSUMO DO ACRE

Identificação das empresas madeireiras do Acre

- * Localização da empresa;
- * Tempo de mercado;
- * Número atual de funcionários.

Caracterização da matéria prima

- * Consumo médio anual em 2010, 2011 e a estimativa para 2012;
- * Características e origem da matéria prima utilizada;
- * Existência de dificuldades na obtenção de madeira;
- * Aproveitamento dos resíduos florestais da extração;

Destinação da produção

- * Destinação da produção local: mercado-meta;
- * Identificação dos principais setores consumidores;
- * Estratégias de diferenciação das empresas.

Certificação florestal

- * Marketing verde como estratégia de divulgação das empresas;
- * Conhecimento sobre a Certificação Florestal;
- * Histórico de compra de madeira certificada;
- * Conhecimento sobre os benefícios e/ou dificuldades da certificação florestal: no sistema produtivo/beneficiamento e no mercado;
- * Perspectiva para a certificação florestal.

O procedimento de amostragem adotado para a coleta de dados foi a **amostragem por acessibilidade**, onde foi feita uma busca por empreendimentos que demonstraram interesse em contribuir com este estudo, ressaltando que as entrevistas foram realizadas nas serrarias e marcenarias locais.

Foram realizadas 49 entrevistas com representantes dos centros de beneficiamento e consumo do Acre, em Rio Branco, Cruzeiro do Sul e Xapuri. Desses municípios, somente Rio Branco apresentava serrarias licenciadas e em funcionamento na data de realização desta pesquisa. Dos 49 centros de beneficiamento e consumo de madeira entrevistados, obteve-se 11 serrarias e 38 marcenarias locais. A demanda por madeira certificada FSC de comunidades foi realizada em 100% dos empreendimentos certificados por cadeia de custódia FSC.

3. OFERTA DE MADEIRA NATIVA DE COMUNIDADES DO ACRE

Foram identificadas e caracterizadas todas as comunidades que licenciaram seus Planos de Operação Anual nos anos de 2010 e 2011 no IMAC, órgão responsável pelo licenciamento e fiscalização do manejo florestal. É pertinente mencionar que foram identificadas outras comunidades que extraíram madeira nesses anos, no entanto, a exploração foi referente aos POA's de anos passados, e por este motivo não foram contabilizadas por este estudo.

Dessa forma, identificaram-se 7 POA's de comunidades no ano de 2010 (5 no Baixo Acre e 2 no Alto Acre) e 13 em 2011 (8 no Baixo Acre, 3 no Alto Acre e 2 no Juruá). Essas comunidades e as informações referentes ao manejo florestal comunitário nos anos de 2010 e 2011 são apresentadas a seguir.

3.1 Em 2010

3.1.1 Madeira Nativa De Comunidades

* Identificação das comunidades

Em 2010, 7 comunidades licenciaram POA's para a extração florestal madeireira, de forma que 71,43% se localizam no Baixo Acre, nos municípios de Acrelândia (03 comunidades), Capixaba e Porto Acre (ambos com 1 comunidade). Os 28,57% restantes se localizam no Alto Acre, município de Xapuri (2 comunidades).

Neste ano, todas as Associações detentoras dos Planos de Manejo Florestal Sustentável (PMFS) se localizavam em Projetos de Assentamento Agroextrativistas (PAE's). Ainda, em todos os casos o manejo florestal foi realizado em florestas primárias, de terra firme e a extração ocorreu de forma mecanizada.

Comunidades que licenciaram POA's 2010 no Estado do Acre

ASPPAAE-SE – PAE Equador, Xapuri

ASPD – PAE Porto Dias, Acrelândia

AMARCA – PAE Remanso, Capixaba

AMPPAE-CM – PAE Chico Mendes, Xapuri

AASJ – PAE Porto Dias, Acrelândia

AAUPP – PAE Porto Dias, Acrelândia

ASREXC – PAE Barreiro, Porto Acre

Na regional Baixo Acre, verificou-se que as cinco comunidades que realizam o manejo florestal envolveram 69 famílias no PMFS e, dessas, 52 foram licenciadas para a extração florestal em 2010. A área de efetivo manejo licenciada nas comunidades do Baixo Acre e a Área de Preservação Permanente (APP) foi de, respectivamente, 1.219,11 e 400,35 hectares.

No Alto Acre foram 67 famílias envolvidas no PMFS e 37 no POA do ano de 2010. Juntas, as comunidades do Alto Acre licenciaram uma área de manejo de 571,99 ha, com APP de 142,16 ha, conforme demonstra a tabela 1.

TABELA 1: IDENTIFICAÇÃO DAS COMUNIDADES QUE LICENCIARAM POA 2010

Detentor	Município	Status do POA	Houve exploração?	Nº de famílias envolvidas		Área de manejo relacionado ao POA 2010 (ha)	
				PMFS	POA	APP	Efetivo manejo
ASPD	Acrelândia	Licenciado	Sim	12	9	29,96	98,65
AASJ	Acrelândia	Licenciado	Sim	29	19	104,18	315,14
AAUPP	Acrelândia	Licenciado	Sim	18	14	119,5	244,47
AMARCA	Capixaba	Licenciado	Não*	4	4	11,68	43,13
ASREXC	Porto Acre	Licenciado	Sim	6	6	135,03	517,72
Subtotal Baixo Acre				69	52	400,35	1.219,11
ASPPAAE-SE	Xapuri	Licenciado	Sim	16	16	26,85	185,65
AMPPAE-CM	Xapuri	Licenciado	Sim	51	31	115,51	386,34
Subtotal Alto Acre				67	37	142,16	571,99
Total Geral (2010)				136	89	542,51	1.791,10

NOTA: *A comunidade AMARCA, mesmo tendo licenciado o POA 2010, optou por não realizar a exploração madeireira do POA 2010, no referido ano.

* Características dos Planos Operacionais Anuais (POA's) 2010

Neste tópico são apresentadas as informações sobre o manejo florestal comunitário de todas as comunidades que licenciaram o POA 2010, independentemente da certificação florestal. Das associações acima mencionadas, quatro possuem a certificação FSC do manejo florestal comunitário: a ASPD, a AMARCA, a AMPPAE-CM e a ASPPAAE-SE. As características específicas da oferta de madeira certificada de comunidades para o ano de 2010 serão apresentadas isoladamente no item 3.1.2.

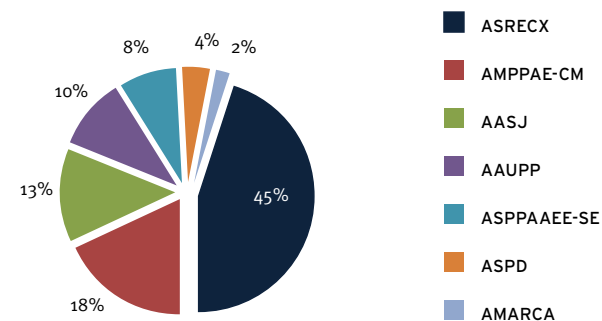
As 7 comunidades que licenciaram o POA 2010 foram responsáveis por 24.403,301 m³ de madeira nativa, o que corresponde a 3.433 indivíduos selecionados para corte, conforme apresentado na tabela 2. Foram identificadas 66 espécies diferentes e 47 gêneros distintos, relacionados a 19 famílias botânicas. A relação de todas as espécies licenciadas do ano de 2010, organizada em ordem decrescente de volume explorável, encontra-se no APÊNDICE 01.

TABELA 2: IDENTIFICAÇÃO DAS COMUNIDADES QUE LICENCIARAM POA 2010

Detentor	Município	Nº de árvores selecionadas para extração	Volume explorável (m³)	Volume médio efetivo (m³/ha)	Nº de espécies exploráveis
ASPD	Acrelândia	158	986,250	9,997	22
AASJ	Acrelândia	342	3150,830	9,998	20
AAUPP	Acrelândia	342	2500,657	9,997	35
AMARCA	Capixaba	58	530,727	12,306	23
ASREXC	Porto Acre	1795	11077,221	21,396	45
ASPPAAE-SE	Xapuri	277	1.855,990	9,887	30
AMPPAE-CM	Xapuri	461	4.301,630	11,134	28
TOTAL		3.433	24.403,301	-	66

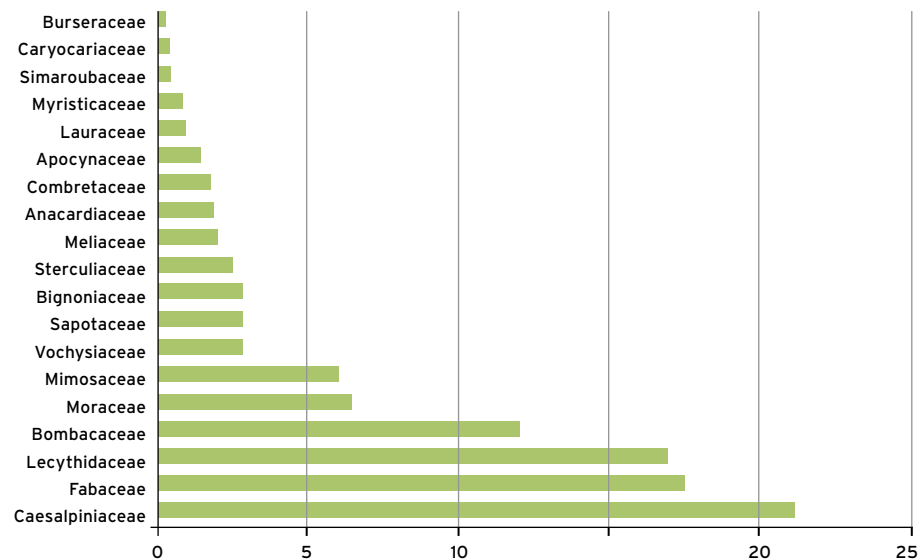
Complementando a tabela acima, a média do volume médio efetivo, foi de 12,102 metros cúbicos por hectare de área de floresta manejada. Com a determinação do volume explorável de cada comunidade do ano de 2010, identificou-se a participação de cada comunidade na oferta de madeira licenciada dos POA's do ano de 2010 das comunidades do Acre, conforme demonstrado no gráfico 3.

GRÁFICO 3: PARTICIPAÇÃO DAS COMUNIDADES NA OFERTA DE MADEIRA LICENCIADA POR POA'S 2010



Com relação ao número de famílias botânicas e a participação de cada uma delas no volume explorável licenciado para corte em 2010, nota-se que as famílias mais representativas neste quesito foram: Caesalpiniaceae, Fabaceae, Lecythidaceae, Bombacaceae e Moraceae. Juntas, corresponderam a 69,01% dos indivíduos licenciados. O percentual de cada família botânica, de acordo com o número de indivíduos licenciados para exploração, encontra-se no gráfico 4:.

GRÁFICO 4: PARTICIPAÇÃO DAS FAMÍLIAS BOTÂNICAS NO NÚMERO TOTAL DE INDIVÍDUOS



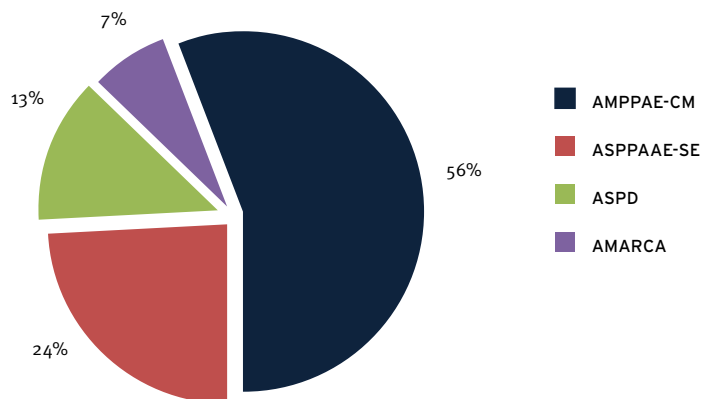
3.1.2 Madeira nativa certificada FSC

Das 7 comunidades que licenciaram POA's 2010, 4 delas são certificadas pelo FSC: a ASPD, a AMARCA, a AMPPAE-CM e a ASPPAAE-SE. De maneira geral, a oferta de madeira certificada FSC neste ano representou 31,45% da oferta de madeira nativa de todas as comunidades.

Juntas, essas quatro comunidades licenciaram 7.674,597 m³ de madeira nativa certificada FSC, o que corresponde a 954 árvores e um total de 46 espécies distintas. No entanto, vale ressaltar que a AMARCA, embora tenha licenciado o POA 2010, optou por não realizar a extração no referido ano devido a dificuldades de acesso e está se programando para o ano de 2012. A lista de todas as espécies licenciadas das quatro comunidades certificadas, com os respectivos volume explorável e número de indivíduos se encontra no APÊNDICE 02.

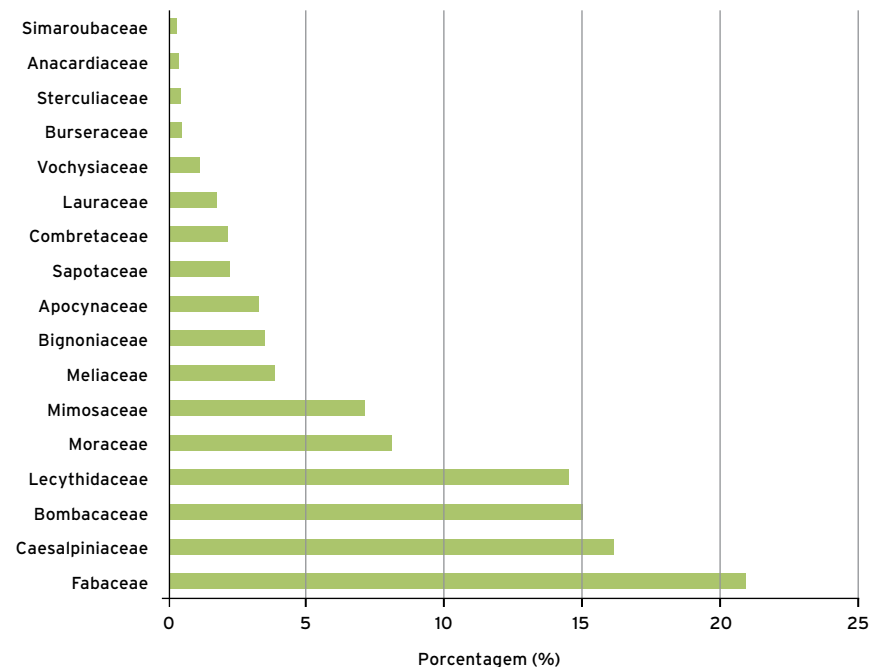
Com relação à participação de cada associação na oferta de madeira certificada FSC de comunidades do Acre, a AMPPAE-CM foi a mais expressiva, ou seja, contribuiu com maior volume na análise da madeira certificada FSC de 2010, seguida da ASPPAAE-SE, ASPD e por último, a AMARCA, conforme demonstra o gráfico 5.

GRÁFICO 5: PARTICIPAÇÃO DAS COMUNIDADES NA OFERTA DE MADEIRA CERTIFICADA FSC LICENCIADA NOS POA's 2010



A oferta de madeira certificada FSC de comunidades do Acre, de acordo com os POA's 2010 foi caracterizada por maior expressividade de cinco famílias botânicas: Fabaceae, Caesalpinaceae, Bombacaceae, Lecythidaceae e Moraceae. Juntas, corresponderam a 74,67% do total de madeira certificada FSC no ano de 2010.

GRÁFICO 6: PARTICIPAÇÃO DAS FAMÍLIAS BOTÂNICAS NA OFERTA DE MADEIRA CERTIFICADA FSC DO ACRE, DE ACORDO COM O POA 2010



3.2 Em 2011

O número de comunidades que licenciaram POA's 2011 para extração florestal madeireira foi de 13 comunidades, sendo que para este ano uma nova regional de desenvolvimento do Acre, o Juruá, apresentou POA's 2011 para licenciamento. As informações sobre a oferta de madeira nativa de comunidades do Acre para o ano de 2011 são apresentadas a seguir.

3.2.1 Madeira nativa de comunidades

•Identificação das comunidades

Das 13 associações, que licenciaram o POA 2011 para extração madeireira, 61,54% localizam-se no Baixo Acre (02 em Acrelândia, 01 em Capixaba, 02 em Porto Acre, 02 no Bujari e 01 em Rio Branco). A regional Alto Acre representou 23,08% do total das comunidades, representada por 03 associações localizadas no município de Xapuri. Por fim, 15,38% dos POA's 2011 licenciados se localizam no Juruá, nos municípios de Cruzeiro do Sul e Rodrigues Alves (01 comunidade em cada município).

Para as análises do ano de 2011, deve-se levar em consideração a existência de POA's que se encontravam em processo de licenciamento, na data de realização desta pesquisa, podendo eventualmente ocorrer alterações nas informações contidas nos documentos analisados.

As associações detentoras dos PMFS localizam-se principalmente em Projetos de Assentamento Agroextrativistas, no entanto, algumas comunidades estão situadas em Projetos de Assentamento (PA) e Projetos de Desenvolvimento Sustentável (PDS). Em todas as comunidades o manejo florestal ocorreu em florestas primárias, de terra firme.

Com relação à forma de exploração, a regional Juruá, representada aqui pelas comunidades AAPRPAPF (município de Cruzeiro do Sul) e a SAPRRSP (município de Rodrigues Alves), abrigava iniciativas de manejo florestal comunitário onde a extração florestal não é mecanizada. As demais associações realizam o manejo florestal mecanizado, que é definido como o manejo florestal que utiliza, principalmente nas atividades de extração e arraste, maquinários pesados, como tratores, *skidders*, etc.

As comunidades que licenciaram POA 2011 foram:

- Associação Seringueira Porto Dias (ASPD);
- Associação Agroextrativista Unidos Pela Paz (AAUPP);
- Associação dos Moradores e Agroextrativistas do Remanso de Capixaba, Acre (AMARCA);
- Associação dos Produtores e Produtoras Rurais do PDS Nova Esperança e Circunvizinhas (ASPRORNEC);
- Associação dos Seringueiros, Ribeirinhos e Extrativistas do Caquetá (ASREXC);
- Associação dos Produtores Agroextrativistas do Projeto Limoeiro (APAEPL);
- Associação dos Assentados Agroextrativistas do PAE Canary, Deus é Por Nós (AAPAECEPN);
- Associação de Produtores e Produtoras Rurais Verdes Florestas (ASPRORVF);
- Associação dos Pequenos Produtores Rurais Fé em Deus (APPRFD);
- Associação dos Produtores do PAE Seringal Equador (ASPPAAE-SE);
- Associação dos Moradores e Produtores do PAE Chico Mendes (AMPPAE-CM);
- Associação Agrícola dos Produtores Rurais do PA Pedro Firmino (AAPRPAPF), e;
- Sociedade Agrícola dos Produtores Rurais do Ramal São Paulo (SAPRRSP).

A análise do processo de licenciamento dos POA's 2011 identificou que, na data de realização da pesquisa, a maior parte das comunidades ainda aguardava o licenciamento dos planos para iniciar a extração florestal. Sendo assim, das 13 comunidades analisadas, 8 estavam em licenciamento, o que corresponde a 61,54% do total de POA's analisados.

Diante deste fato, em muitos casos ocorre o adiamento da extração anual, relacionada aos POA's, uma vez que o atraso na autorização da extração anual pode extrapolar a época chuvosa, inviabilizando a extração do referido ano. Por este motivo, é frequente que os detentores dos PMFS solicitem a extração florestal de POA's de anos anteriores.

O número de famílias envolvidas nos PMFS foi de 230, distribuídas nas três regionais: Baixo Acre, Alto Acre e Juruá. Do total de famílias, 157 fizeram parte do POA 2011 licenciado para extração florestal. A área de efetivo manejo total para as comunidades analisadas foi de 2.848,63 hectares, de acordo com o que demonstra a tabela 3.

TABELA 3: IDENTIFICAÇÃO DAS COMUNIDADES QUE LICENCIARAM POA 2011

Detentor	Município	Status do POA	Houve exploração?	Nº de famílias envolvidas		Área de manejo relacionado ao POA 2010 (ha)	
				PMFS	POA	APP	Efetivo manejo
ASPD	Acrelândia	Licenciado	Sim	12	9	21,83	80,13
AAUPP	Acrelândia	Em licenciamento	Não*	18	9	121,16	272,12
APAEPL	Bujari	Em licenciamento	Não*	6	4	27,77	83,90
AAPAECEPN	Bujari	Em licenciamento	Não*	14	13	108,37	255,27
AMARCA	Capixaba	Em licenciamento	Não*	26	13	38,5	165,95
ASPRORNEC	Porto Acre	Em licenciamento	Não*	3	3	5,79	126,39
ASREXC	Porto Acre	Licenciado	Sim	10	10	171,32	750,89
ASPRORVF	Rio Branco	Em licenciamento	Não*	3	3	8,37	194,44
Subtotal Baixo Acre				92	64	503,11	1.929,09
ASPPAAE-SE	Xapuri	Licenciado	Sim	23	16	31,24	192,06
AMPPAE-CM	Xapuri	Licenciado	Sim	51	33	124,43	350,66
APPRFD	Xapuri	Licenciado	Sim	24	20	68,76	167,93
Subtotal Alto Acre				98	69	224,43	710,65
AAPRPAPF	Cruzeiro do Sul	Em licenciamento	Não*	14	8	14,50	97,09
SAPRRSP	Rodrigues Alves	Em licenciamento	Não*	26	16	21,54	111,80
Subtotal Juruá				40	24	36,04	208,89
Total Geral (2011)				230	157	763,58	2.848,63

NOTA: * Até o momento da realização da pesquisa, o POA 2011 estava em processo de análise no IMAC e, dessa forma, as comunidades ainda não haviam iniciado a extração.

• **Características dos Planos Operacionais Anuais (POA's) 2011**

As informações sobre o manejo florestal comunitário de todas as comunidades que licenciaram o POA 2011 são apresentadas neste item, destacando-se a oferta de madeira de comunidades certificadas FSC no item 3.2.2. Como visto para o ano de 2010, das associações que licenciaram POA's 2010, quatro possuem a certificação FSC do manejo florestal comunitário, correspondendo às mesmas do ano anterior (ASPD, AMARCA, AMPPAE-CM e ASPPAAE-SE). No entanto, uma nova comunidade está em processo de certificação florestal FSC, a Associação dos Produtores Rurais Fé em Deus (APPRFD), localizada no PAE Chico Mendes, município de Xapuri. Ainda, é válido ressaltar que as Reservas Extrativistas também estão iniciando o manejo florestal comunitário e, a RESEX Chico Mendes já possui um grupo de manejadores que fazem parte da Cooperfloresta e buscam a certificação florestal para o seu manejo.

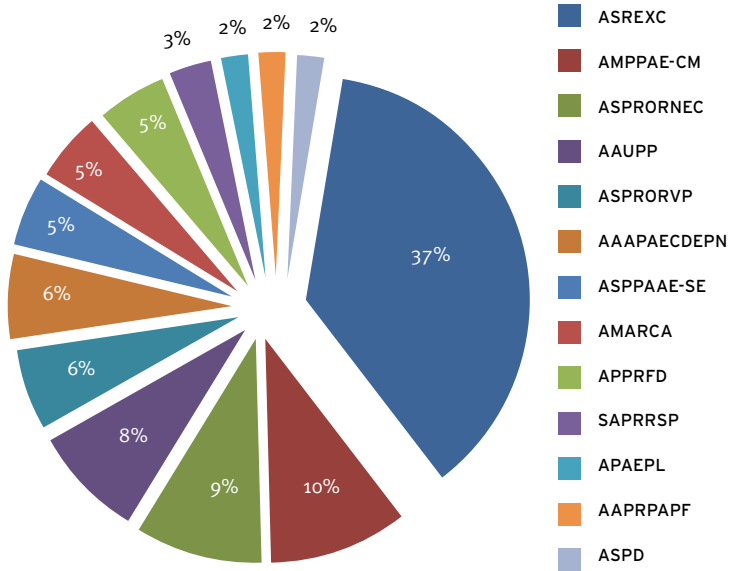
As 13 comunidades que licenciaram o POA 2011 foram responsáveis por 41.452,895 m³ de madeira nativa, o que correspondeu a 5.166 indivíduos selecionados para corte, conforme apresentado na tabela 4. A relação de todas as espécies licenciadas do ano de 2011, organizada em ordem decrescente de volume explorável, encontra-se no apêndice 2.

TABELA 4: IDENTIFICAÇÃO DAS COMUNIDADES QUE LICENCIARAM POA 2011

	Detentor	Município	Número de árvores selecionadas para extração	Volume explorável (m³)	Volume médio efetivo (m³/ha)	Número de espécies exploráveis
BAIXO ACRE	ASPD	Acrelândia	111	920,920	11,492	22
	AAUPP	Acrelândia	321	3.125,68	11,486	25
	APAEPL	Bujari	138	1.044,27	12,447	27
	AAAPAECDPN	Bujari	323	2.554,32	10,006	32
	AMARCA	Capixaba	328	1.927,664	12,306	37
	ASPRORNEC	Porto Acre	389	3.511,62	28,021	28
	ASREXC	Porto Acre	1.884	15.521,80	20,671	46
	ASPRORVP	Rio Branco	482	2.566,72	13,201	36
ALTO ACRE	ASPPAAE-SE	Xapuri	260	2.210,52	11,510	25
	AMPPAE-CM	Xapuri	474	4.029,74	11,490	23
	APPRFD	Xapuri	218	1.926,19	11,466	25
JURUÁ	AAPRPAPF	Cruzeiro do Sul	102	965,80	9,949	18
	SAPRRSP	Rodrigues Alves	136	1.117,58	9,996	18
Total			5.166	41.452,895	-	98

O volume médio efetivo das comunidades analisadas foi de 13,39 metros cúbicos por hectare de área de floresta manejada. A participação de cada comunidade na oferta de madeira, de acordo com os POA's 2011 analisados, encontra-se no gráfico 6:

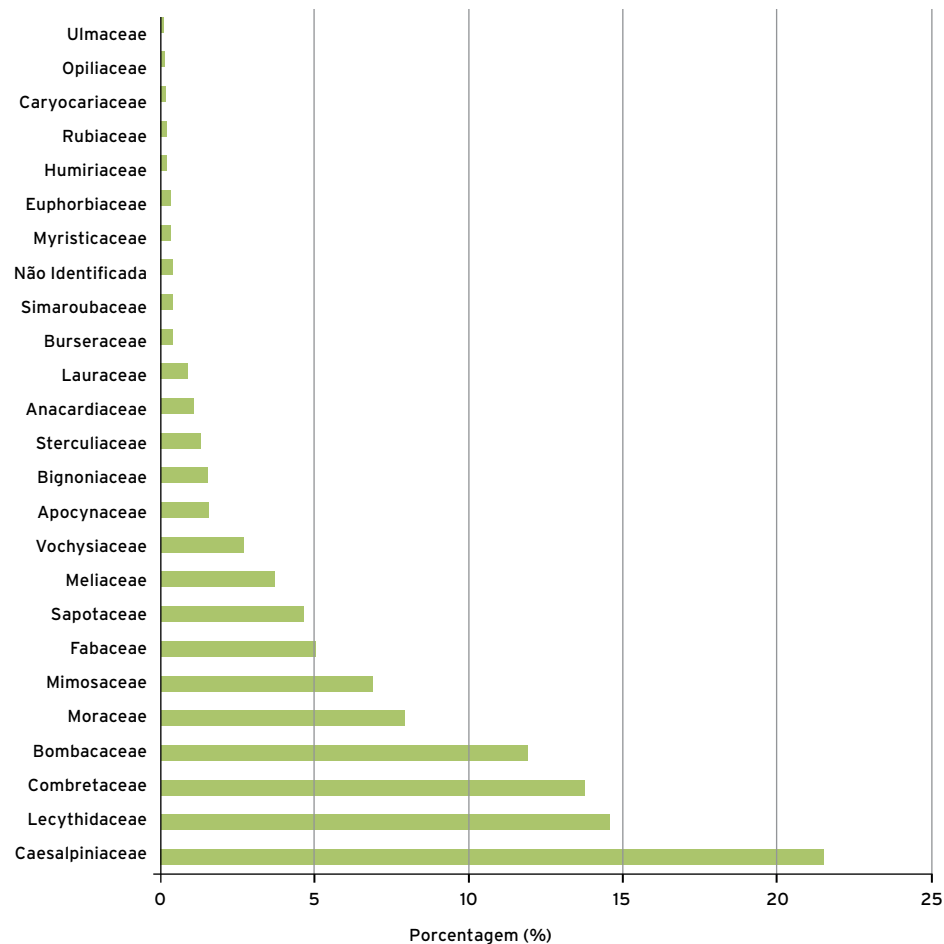
GRÁFICO 6: PARTICIPAÇÃO DAS COMUNIDADES NA OFERTA DE MADEIRA LICENCIADA POR POA's 2011



Com relação ao número de famílias botânicas e a participação de cada uma delas no volume explorável licenciado para corte em 2011, nota-se que as famílias mais representativas foram: Caesalpiniaceae, Lecythidaceae, Combretaceae, Bombacaceae e Moraceae. Juntas, correspondera a 69,15% do volume explorável das comunidades analisadas. Dentre todas as famílias analisadas, uma delas não foi identificada pelo inventário florestal. Esta família, denominada aqui por “Não identificada”, correspondeu a 0,34% do volume solicitado para corte.

Dessa forma, foram identificadas 98 espécies diferentes e 64 gêneros distintos, relacionados 25 famílias botânicas (considerando o fato de uma das espécies estar enquadrada na família “não identificada”), como apresentado no gráfico 7:

GRÁFICO 7: PARTICIPAÇÃO DAS FAMÍLIAS BOTÂNICAS NO NÚMERO TOTAL DE INDIVÍDUOS, NO ANO DE 2011



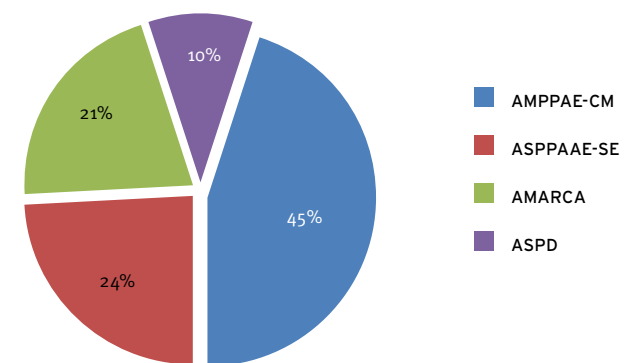
3.2.2 Madeira Nativa Certificada Fsc

No ano de 2011, a oferta de madeira nativa certificada de comunidades foi determinada por 4 comunidades certificadas FSC :a ASPD, a AMARCA, a AMPPAE-CM e a ASPPAAE-SE. Para este ano, a oferta de madeira certificada FSC representou 21,93% da oferta de madeira nativa de todas as comunidades.

Juntas, as comunidades certificadas do Acre solicitaram o licenciamento de 9.088,843 m³ de madeira nativa certificada FSC, o que correspondeu a 1.173 árvores e um total de 45 espécies distintas. No entanto, vale ressaltar que algumas comunidades ainda não realizaram a extração, pois aguardam o licenciamento e liberação da autorização. A lista de todas as espécies licenciadas das quatro comunidades certificadas, com os respectivos volumes exploráveis e número de indivíduos para o ano de 2011, encontra-se no APÊNDICE 4.

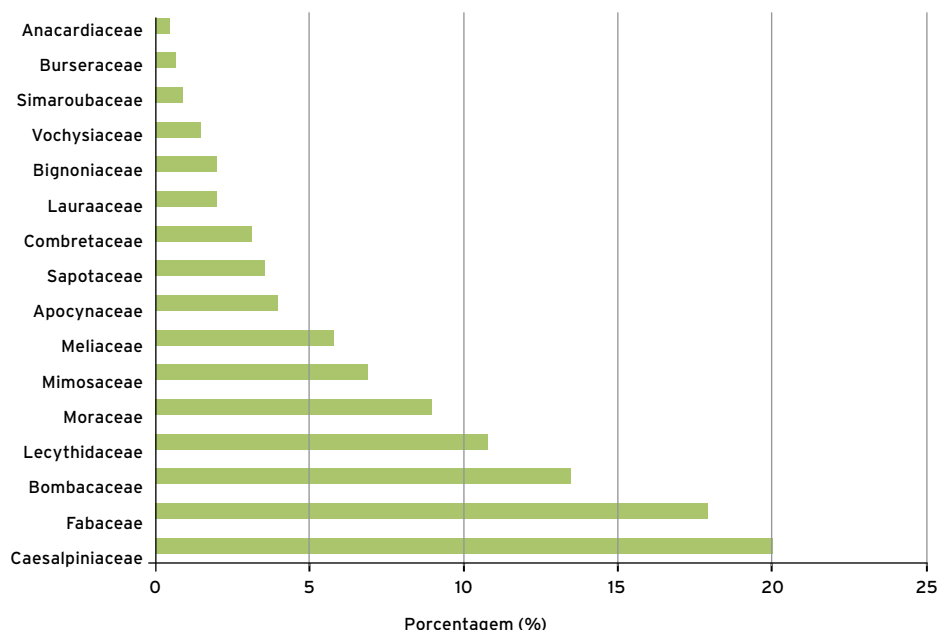
Assim como observado no ano anterior, em 2011 a participação da AMPPAE-CM na oferta de madeira certificada FSC de comunidades do Acre foi mais expressiva, seguida da ASPPAAE-SE. No entanto, a terceira associação mais expressiva foi a AMARCA e, por fim, a que menos contribuiu com o volume explorável, na análise da madeira certificada FSC, foi a ASPD, conforme demonstra o gráfico 8:

GRÁFICO 8: PARTICIPAÇÃO DAS COMUNIDADES NA OFERTA DE MADEIRA CERTIFICADA FSC LICENCIADA NOS POA'S 2011



A oferta de madeira certificada FSC de comunidades do Acre, de acordo com os POA's 2011 foi caracterizada por maior expressividade de cinco famílias botânicas: Caesalpinhiaceae, Fabaceae Bombacaceae, Lecythidaceae e Moraceae, conforme demonstra o gráfico 9. Juntas, corresponderam a 70,65% do total de madeira certificada FSC no ano de 2011, relacionado a 16 famílias botânicas, 38 gêneros e 45 espécies.

GRÁFICO 9: PARTICIPAÇÃO DAS FAMÍLIAS BOTÂNICAS NA COMPOSIÇÃO DO VOLUME EXPLORÁVEL DE MADEIRA CERTIFICADA DE COMUNIDADES, NO ANO DE 2011



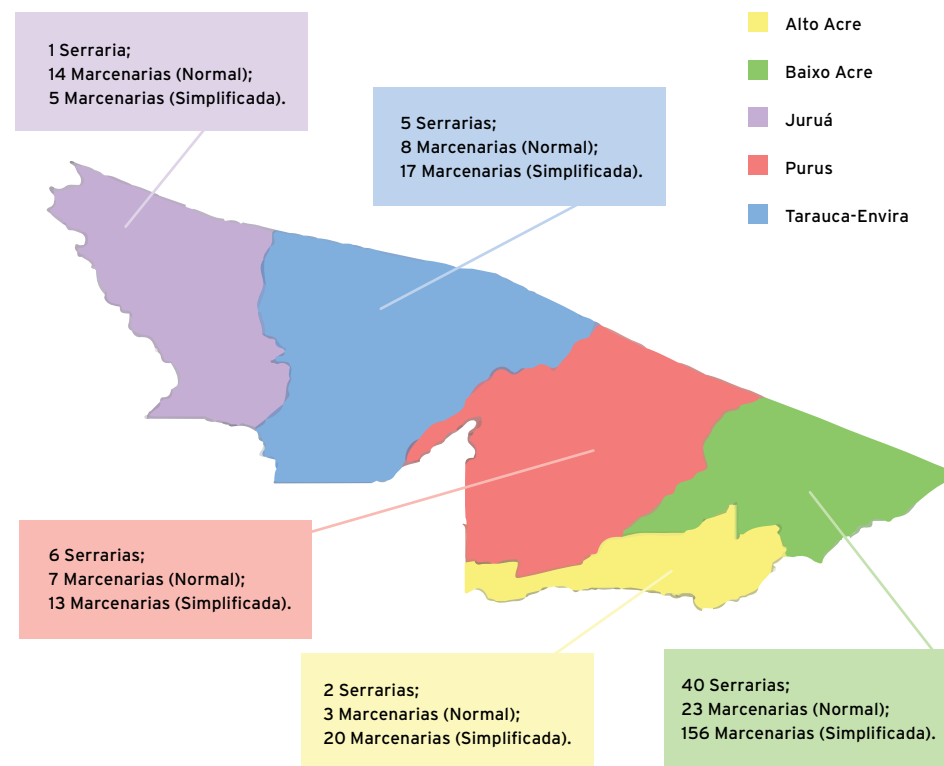
4. DEMANDA PELOS CENTROS DE BENEFICIAMENTO E CONSUMO

Esta pesquisa considera como centros de beneficiamento e consumo aqueles empreendimentos que de alguma forma consomem ou transformam madeira de algum estágio de beneficiamento para outro mais avançado. Nesse sentido, foram identificados três tipos principais de empreendimentos: (i) as serrarias; (ii) as marcenarias de cadastro normal (que não possuem limites para consumo ou armazenamento de madeira) e, (iii) marcenarias de cadastro simplificado (aquelas que consomem ou armazenam até 10 m³ por mês de madeira).

De acordo com o levantamento realizado no IMAC, existem atualmente 320 centros de beneficiamento e consumo cadastrados no Acre. Desses, 54 são serrarias (16,88%), 55 marcenarias de cadastro normal (17,19%) e 211 marcenarias de cadastro simplificado (65,94%), distribuídas nas cinco regionais do Estado. A lista completa dos municípios que abrigam os centros de beneficiamento e consumo de madeira nativa está disponível no apêndice 3.

Atualmente é possível verificar uma aglomeração dos centros de beneficiamento e consumo de madeira nativa na regional de desenvolvimento Baixo Acre, mais precisamente no município de Rio Branco. Por ser a capital do Estado, somente o município de Rio Branco reúne 46,3% de todas as serrarias, 34,55% das marcenarias normais e 57,82% das marcenarias simplificadas do Acre.

FIGURA 5: DISTRIBUIÇÃO DOS CENTROS DE BENEFICIAMENTO E CONSUMO DO ACRE (FONTE DOS DADOS: IMAC, 2012)



De acordo com informações fornecidas pelo FSC-Brasil, o Estado do Acre também abriga empreendimentos com a certificação de cadeia de custódia do FSC. No momento dessa pesquisa, eram 7 empreendimentos que possuem o selo FSC: uma cooperativa de produtos florestais comunitários (Cooperfloresta); um sindicato da indústria moveleira (Sindmóveis); um polo moveleiro, a antiga Fábrica de Pisos Xapuri; uma serraria no município de Rio Branco (Laminados Triunfo); uma marcenaria em Xapuri (AVER), além de uma gráfica (Gráfica Globo).

Dessa forma, a demanda por madeira certificada dos centros de beneficiamento e consumo que possuem o selo FSC para cadeia de custódia foi caracterizada pelos empreendimentos certificados localizados nos municípios de Rio Branco (Sindmóveis, Laminados Triunfo) e Xapuri (AVER). Ressalta-se que, na data de realização desta pesquisa, a antiga Fábrica de Pisos Xapuri não estava em atividade.

Nesta primeira etapa do Diagnóstico nos centros de beneficiamento e consumo do Acre, foram entrevistados 49 empreendimentos, sendo 11 serrarias



localizadas no município de Rio Branco e 38 marcenarias locais (20 em Rio Branco, 15 em Cruzeiro do Sul e 3 em Xapuri). A demanda por madeira certificada dos centros de beneficiamento e consumo, por sua vez, foi determinada a partir de três empreendimentos certificados, que reúnem 4 marcenarias e uma serraria). Os resultados obtidos por meio da aplicação e análise dos formulários nas serrarias e marcenarias dos municípios de Rio Branco, Cruzeiro do Sul e Xapuri são apresentados a seguir.

4.1 Serrarias

As serrarias são consideradas empreendimentos do setor madeireiro responsáveis por realizar o primeiro beneficiamento da madeira em tora, podendo estender sua atuação até a confecção de produtos com altos níveis de acabamento ou não. Esses empreendimentos reúnem a madeira das áreas de manejo florestal e são responsáveis por transformá-la em diversos produtos madeireiros que abastecem as marcenarias, os depósitos locais e os consumidores finais.

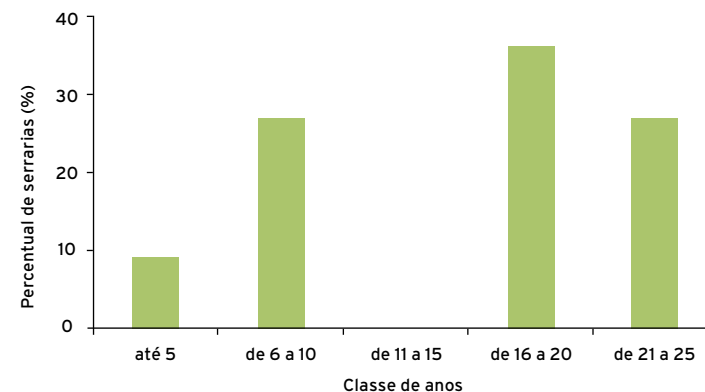
No Estado do Acre, das 54 serrarias identificadas pela pesquisa, 40 localizam-se em Rio Branco. Dessas, a primeira fase do diagnóstico entrevistou 11 empreendimentos, o que corresponde a uma intensidade amostral de 27,5%. No município de Xapuri, embora exista uma serraria cadastrada do IMAC, esta se encontrava desativada na data de realização deste estudo.

Já em Cruzeiro do Sul, existe um panorama diferenciado no fornecimento de madeira. Não existia, na data da pesquisa, nenhuma serraria em funcionamento na cidade. As duas comunidades manejadoras locais, vendiam madeira beneficiada, ou seja, a madeira sai da comunidade traçada em diferentes níveis de beneficiamento e, assim, segue para abastecer os centros de beneficiamento e consumo de madeira local. No entanto, a maior parte da madeira que abastece os empreendimentos madeireiros de Cruzeiro do Sul ainda é proveniente das licenças de desmate emitidas pelo IMAC.

• Identificação das serrarias

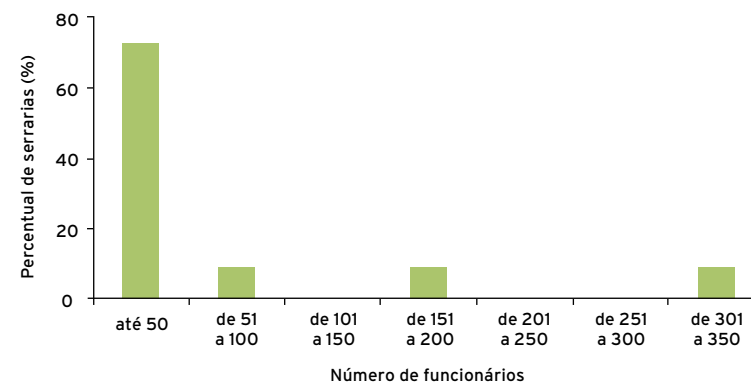
As 11 serrarias entrevistadas localizam-se no município de Rio Branco, principalmente nos setores do distrito industrial do município. Com relação ao tempo de mercado desses empreendimentos, verifica-se que 63,64% possuem mais de 16 anos de atividade. No gráfico 8 é apresentado o percentual de serrarias referentes às classes estabelecidas de cinco anos.

GRÁFICO 8: TEMPO DE MERCADO: DISTRIBUIÇÃO PERCENTUAL DAS SERRARIAS NAS CLASSES DE 5 ANOS



De acordo com os entrevistados, esses empreendimentos, juntos, são responsáveis pela geração de 844 empregos diretos. O percentual de empreendimentos que possuem menos de 50 funcionários foi o mais expressivo, correspondendo a 72,73% do total de serrarias, conforme demonstra o gráfico 9:

GRÁFICO 9: ÚMERO DE FUNCIONÁRIOS: DISTRIBUIÇÃO PERCENTUAL DAS SERRARIAS NAS CLASSES DE 50 FUNCIONÁRIOS



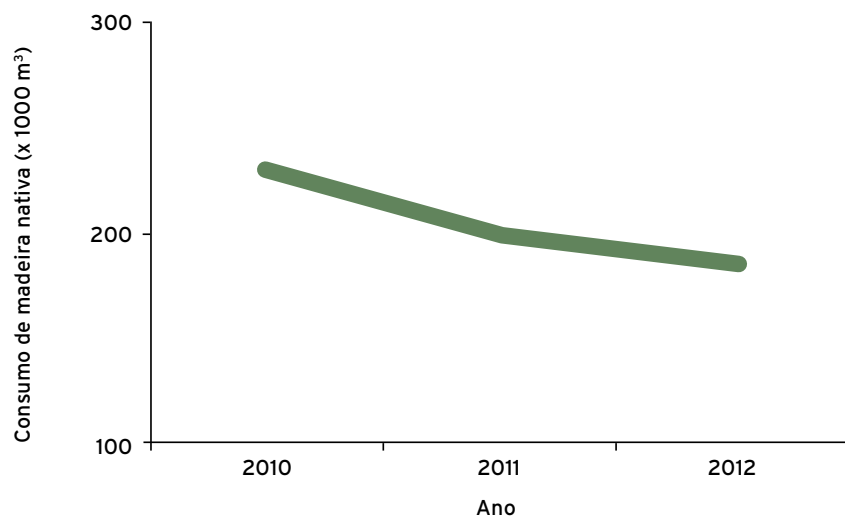
Com relação ao marketing realizado pelas serrarias acreanas, os entrevistados mencionaram que as estratégias de diferenciação das empresas são: a qualidade dos produtos finais (72,73%), seguido do preço praticado por essas empresas e o método de distribuição e entrega (54,55%) e das características do produto e certificação florestal (9,09%). Como foi permitido aos entrevistados informar mais de uma estratégia, a somatória excede a 100%.

Já o marketing verde, ou green marketing, é desconhecido pela grande maioria dos empreendimentos entrevistados, correspondendo a 90,91% do total de serrarias entrevistadas.

• Características da matéria-prima

A matéria prima, caracterizada pela madeira nativa, consumida pelas serrarias que participaram desta pesquisa entrou em queda desde 2010, onde o consumo foi de 230.800 metros cúbicos, de acordo com os entrevistados. Em 2011, este consumo caiu para 200.800 e as estimativas desses empreendimentos, para o ano de 2012 foi em torno de 186.600 metros cúbicos, conforme demonstra o gráfico 10. Somente 18,18% das serrarias entrevistadas acreditam que o volume de madeira consumido em 2012 será maior que no ano anterior.

GRÁFICO 10: CONSUMO DE MADEIRA NATIVA PELAS SERRARIAS ACREANAS, EM 2010, 2011 E ESTIMATIVA PARA 2012



A maior parte desses empreendimentos apresenta uma periodicidade na demanda de madeira, muito relacionado com a época de realização da extração florestal, que depois de extraída segue para os centros de beneficiamento e consumo. Dessa forma, a sincronia entre o licenciamento e liberação da extração florestal, as atividades da extração em campo e a destinação para o mercado é fundamental para o bom planejamento das atividades da cadeia produtiva da madeira.

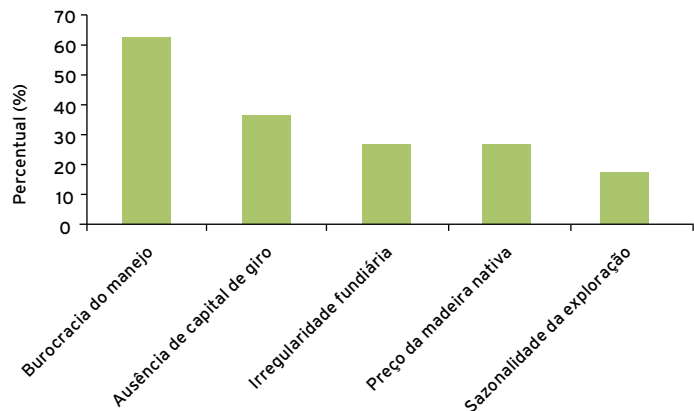
Identificou-se que 90,91% das serrarias entrevistadas demandam por madeira nativa anualmente e 9,09% semestralmente. A maior parte desses empreendimentos adquire e estoca a madeira para todo o ano e, conforme recebem pedidos realizam o beneficiamento e venda. Essa madeira que abastece as serrarias provém, principalmente, de contratos de terceirização da extração florestal, de forma que as empresas estabelecem contatos com proprietários (empresários e comunidades) de áreas legalizadas para elaboração e execução das atividades do manejo florestal, o que correspondeu a 90,91% das empresas analisadas.

Uma pequena parte dessas empresas informou que possuem floresta própria, de onde obtém a madeira nativa para o consumo, o que correspondeu a 36,36%. A somatória da origem da matéria prima, neste caso, excede a 100%, uma vez que foi permitido ao entrevistado informar mais de um tipo de origem da madeira consumida.

Esta madeira sofre diferentes níveis de beneficiamento, transformando-se em vigas, tábuas, blocos, pranchas, laminados, batentes, portas, janelas, etc, que irão abastecer as marcenarias, o setor da construção civil e muitas vezes o consumidor final.

Quando questionados a respeito das dificuldades em obter madeira, notou-se que 81,82% dos entrevistados informaram que existem dificuldades para obtenção de madeira nativa de origem legal. Dentre essas dificuldades, citam-se: (i) a burocracia do manejo florestal; (ii) a ausência de capital de giro; (iii) a irregularidade fundiária; (iv) o preço da madeira nativa, e; (v) a sazonalidade da exploração.

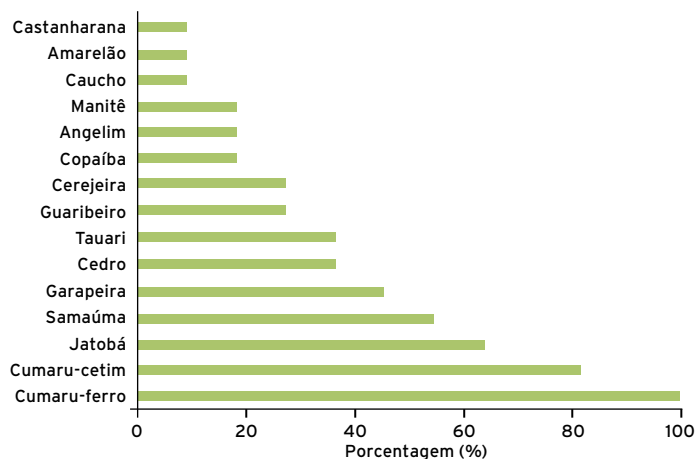
GRÁFICO 11: DIFICULDADES ENCONTRADAS NA OBTENÇÃO DE MADEIRA NATIVA PELAS SERRARIAS ACREANAS



Para os entrevistados, a burocracia do manejo florestal está relacionada ao atraso no licenciamento da extração florestal, que muitas vezes prejudica a obtenção de matéria prima e o planejamento da empresa. Com relação à irregularidade fundiária, relatou-se a dificuldade de se encontrar áreas aptas ao manejo florestal e que sejam documentadas, prontas para o manejo florestal.

Foi solicitado a cada entrevistado que listasse as espécies madeireiras mais procuradas por esses empreendimentos e, dessa forma, tais espécies foram, respectivamente, o cumaru-ferro, o cumaru-cetim, o jatobá, a samaúma e a garapeira, conforme demonstra o gráfico 12.

GRÁFICO 12: ESPÉCIES MAIS PROCURADAS PELAS SERRARIAS DE RIO BRANCO, ACRE



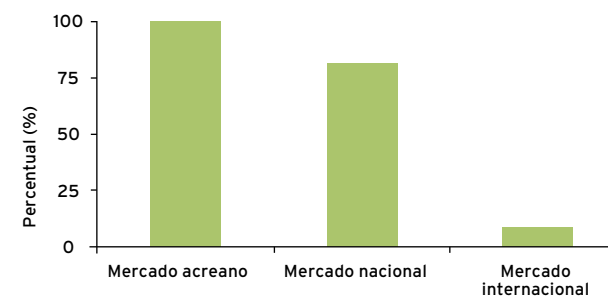
Outra maneira de se obter madeira nativa é por meio do aproveitamento dos resíduos da exploração florestal. É válido mencionar que o aproveitamento de resíduos florestais é uma atividade permitida e que deve ser licenciada, assim como o manejo florestal. Recentemente, os POA's agregaram o aproveitamento de madeira residual da exploração, com a finalidade de dar celeridade ao licenciamento desta atividade.

Das serrarias analisadas, 36,36% demonstraram interesse no aproveitamento dos resíduos florestais da extração. A principal utilização destes resíduos, mencionado por estes empreendimentos, foi a geração de energia e o beneficiamento para fabricação de portas, janelas, batentes, mesas e cadeiras.

• Destinação da produção

Quanto a destinação da produção, foi identificado a relação das serrarias locais com o mercado acreano, o mercado nacional e internacional. Nesse sentido, observou-se que todas as empresas entrevistadas comercializam sua produção no mercado acreano e 81,82% negociam sua produção no mercado nacional. No entanto, somente 9,09% das serrarias entrevistadas negociou madeira com outros países de 2011 até os dias atuais.

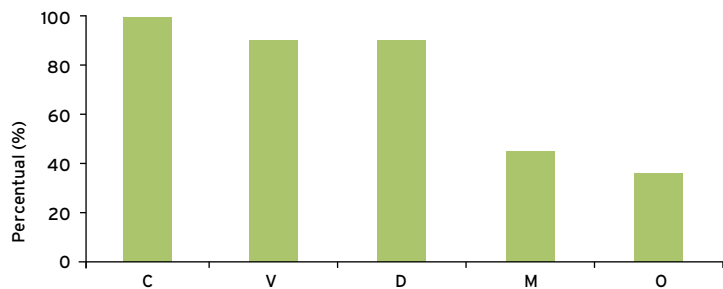
GRÁFICO 13: DESTINAÇÃO DA PRODUÇÃO DAS SERRARIAS DO ACRE



As principais causas da baixa comercialização das serrarias locais com o mercado internacional, mencionada pelos entrevistados, foi o desconhecimento do mercado internacional, ou seja, ausência de contatos e a crise financeira internacional. Os 9,09% que comercializam a madeira no mercado internacional possuem a certificação florestal.

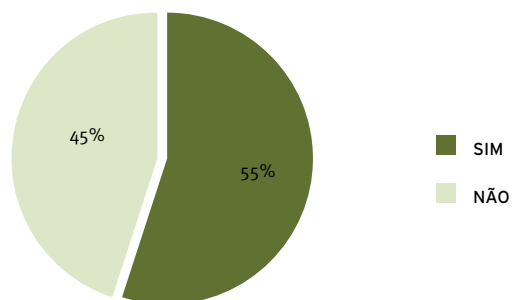
A madeira beneficiada que sai das serrarias abastece a construção civil, as marcenarias, o varejo (pequenos clientes), depósitos de madeira responsáveis pela revenda e outros (contratos governamentais e consumo dentro da empresa), de acordo com o que demonstra o gráfico na próxima página. Como foi permitido aos entrevistados informar mais de um consumidor de sua produção, a somatória excede a 100%.

GRÁFICO 14: DESTINAÇÃO DA PRODUÇÃO: MERCADO-META DAS SERRARIAS DO ACRE.



Das serrarias entrevistadas, 54,55% tem um histórico de comercialização de madeira nativa de comunidades do Estado do Acre, conforme demonstra o gráfico 15.

GRÁFICO 15: HISTÓRICO DE COMERCIALIZAÇÃO DE MADEIRA NATIVA DAS SERRARIAS COM AS COMUNIDADES LOCAIS

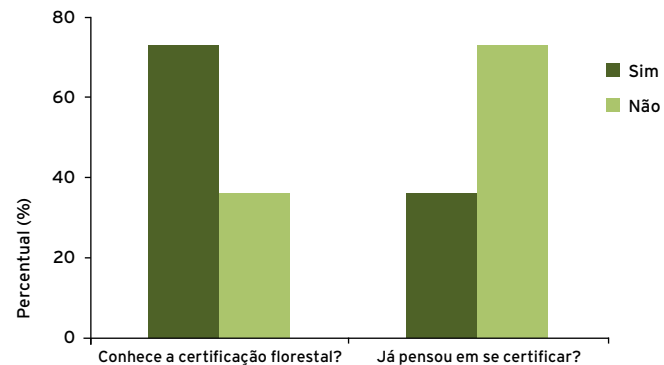


Quando questionadas a respeito do interesse em comercializar madeira nativa com as comunidades do Acre, 90,91% das serrarias mencionaram que tem interesse em comercializar com comunidades, relatando que o principal benefício desta comercialização é a qualidade do produto comunitário.

• Certificação Florestal

Com relação à certificação florestal, 72,73% das serrarias relataram que conhecem a certificação florestal e mencionaram o FSC como organização relacionada ao processo de certificação. Ainda, dos empreendimentos entrevistados 36,36% informaram que já pensaram em obter a certificação para seus empreendimentos. No entanto somente 9,09% desses possuem o selo FSC.

GRÁFICO 16: CONHECIMENTO SOBRE A CERTIFICAÇÃO FLORESTAL E INTERESSE EM SE CERTIFICAR DAS SERRARIAS ACREANAS

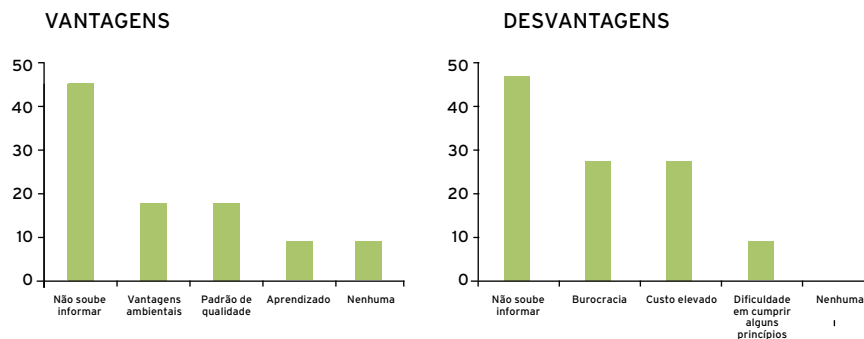


Os representantes das serrarias observam que a certificação florestal oferece vantagens e desvantagens no sistema produtivo ou de beneficiamento e também no mercado. notou-se, no entanto, que muitos ainda desconhecem a certificação florestal.

Esses resultados demonstram a necessidade da promoção de momentos formativos e informativos sobre o mercado de produtos florestais madeireiros, com foco em certificação florestal. As vantagens e desvantagens relatadas pelos entrevistados, com relação ao sistema produtivo ou de beneficiamento da madeira são apresentadas no gráfico 17.

GRÁFICO 17: VANTAGENS E DESVANTAGENS DA CERTIFICAÇÃO FLORESTAL DO SISTEMA PRODUTIVO OU DE BENEFICIAMENTO NAS SERRARIAS

Sistema produtivo ou de beneficiamento



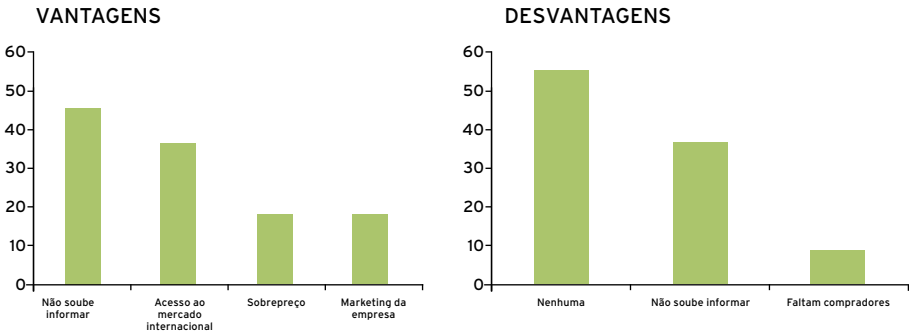


Os representantes das serrarias que participaram da pesquisa mencionaram que a principal vantagem da certificação florestal, quando relacionada ao mercado, é o acesso ao mercado internacional, uma vez que a exigência pela certificação florestal FSC é sentida por aqueles que negociam no mercado internacional. Ainda, o marketing da empresa e o sobrepreço na comercialização também foram relatados como vantagens.

Com relação às desvantagens, 54,55% não identificaram nenhuma dificuldade, 36,36% não souberam informar e 9,09% mencionaram que faltam compradores de madeira certificada, conforme demonstra o gráfico 18.

GRÁFICO 18: VANTAGENS E DESVANTAGENS DA CERTIFICAÇÃO FLORESTAL NO MERCADO, PARA AS SERRARIAS

Mercado madeireiro



Por fim, quanto questionados a respeito do crescimento da demanda por madeira certificada, 54,55% dos entrevistados relataram que enxergam o crescimento da demanda por madeira certificada no mercado em que atuam.

4.2 Marcenarias

Marcenaria é um termo utilizado para caracterizar empreendimentos do setor madeireiro que tem como finalidade transformar a madeira em objetos utilitários, ou ainda, em peças decorativas e de arte, utilizando madeira, nativa ou não, e também costumam trabalhar com o MDF (*Medium density fiberboard*) na confecção de móveis. Ainda, esses empreendimentos fornecem produtos e serviços para o ramo da construção civil, principalmente relacionado a confecção de esquadrias, portas, janelas, escadarias, batentes, vigas, tábuas, entre muitos outros.

Foram identificadas no Acre, através do levantamento realizado no IMAC, o cadastro de 266 marcenarias, de forma que 211 são classificadas como simplificadas e 55 como marcenarias normais. A diferença, como mencionado anteriormente, está no fato das marcenarias simplificadas serem menores e,

por isso, possuem a restrição de consumo e armazenamento de 10 m³ de madeira por mês.

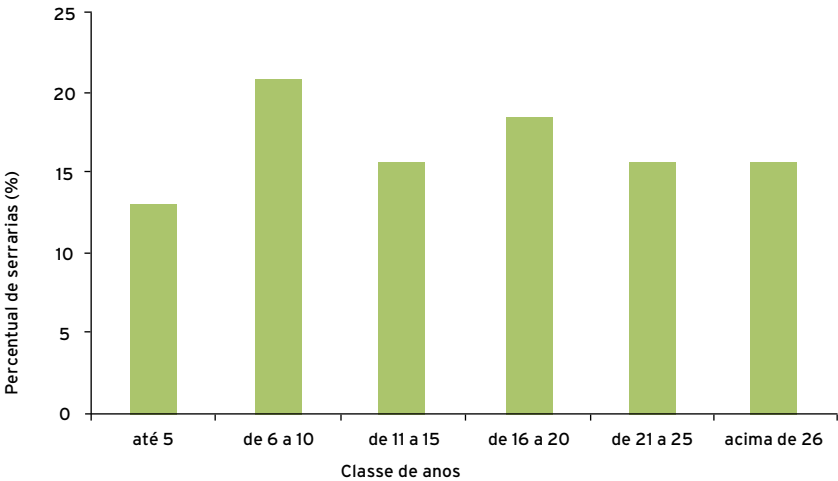
Diante deste universo, a primeira etapa de pesquisa entrevistou 38 marcenarias, sendo 20 localizadas em Rio Branco, 15 em Cruzeiro do Sul e 3 Xapuri. Essas marcenarias foram selecionadas de acordo com o levantamento prévio e interesse desses centros em participar da pesquisa, conforme descrito anteriormente na metodologia. No entanto, no município de Rio Branco, tomou-se o cuidado de incluir as marcenarias localizadas tanto no polo moveleiro e setores do distrito industrial, como as que estão distribuídas nos bairros da capital.

Em Cruzeiro do Sul, a construção do polo moveleiro está em fase de finalização e os marceneiros estavam, aos poucos, mudando para as novas instalações. Dessa forma, todas as marcenarias encontravam-se espalhadas pela cidade. Já em Xapuri, o polo moveleiro abrigava a totalidade das marcenarias em funcionamento.

• Identificação das marcenarias

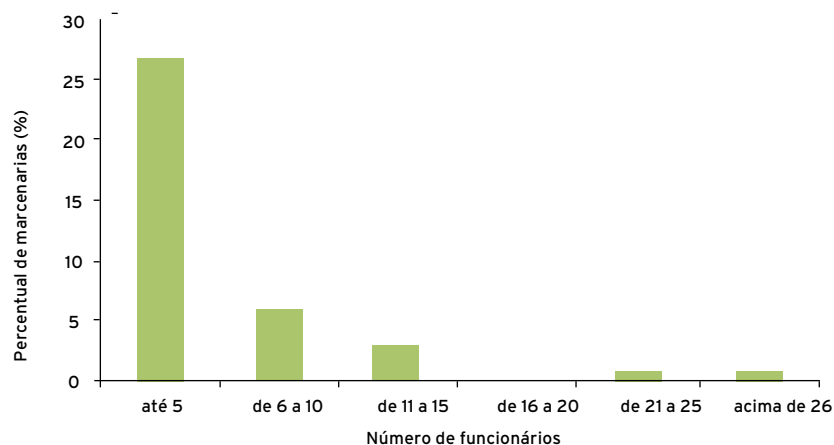
As marcenarias encontram-se espalhadas pelos bairros dos municípios e também concentradas nos polos moveleiros locais, iniciativa governamental de fomento aos empreendimentos madeireiros do Estado. Com relação ao tempo de mercado desses empreendimentos, verifica-se uma distribuição quase homogênea das marcenarias nas classes de anos. Neste levantamento, verificou-se que o empreendimento mais antigo possui 40 anos de existência. No gráfico 19 é apresentado o percentual de serrarias referentes às classes estabelecidas de cinco anos.

GRÁFICO 19: TEMPO DE MERCADO: DISTRIBUIÇÃO PERCENTUAL DAS MARCENARIAS NAS CLASSES DE 5 ANOS



As marcenarias pesquisadas são responsáveis por gerar cerca de 213 empregos diretos. Quando comparados às serrarias, as marcenarias possuem um quadro de empregados bem mais reduzido, muitas vezes familiar. O percentual de empreendimentos que possuem menos de 50 funcionários foi o mais expressivo, correspondendo a 72,73% do total de serrarias, conforme demonstra o gráfico 20.

GRÁFICO 20: NÚMERO DE FUNCIONÁRIOS: DISTRIBUIÇÃO PERCENTUAL DAS SERRARIAS NAS CLASSES DE 50 FUNCIONÁRIOS



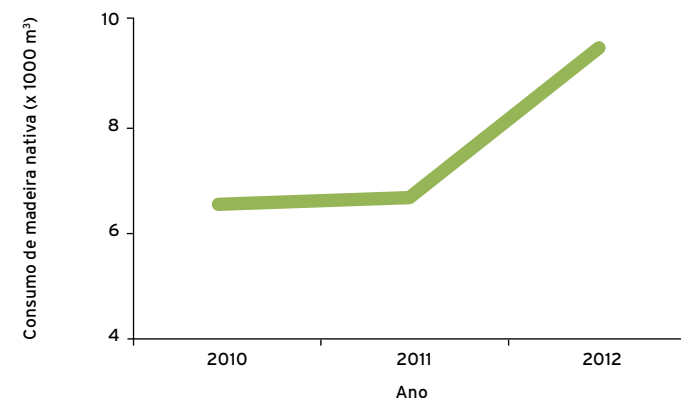
Com relação ao marketing das marcenarias acreanas, os entrevistados mencionaram que as principais estratégias de diferenciação das empresas são: qualidade dos produtos (94,74%); facilidades na distribuição/entrega (34,21%); o preço (28,95%); divulgação, propagandas e especialização do trabalho (23,68%); acabamento dos produtos (13,16%) e a certificação florestal (10,53%). Como foi permitido aos entrevistados informar mais de uma estratégia, a somatória excede a 100%.

Já o marketing verde, ou green marketing, é desconhecido pela grande maioria dos empreendimentos que fizeram parte desta pesquisa, assim como observado para as serrarias. No caso das marcenarias, 84,21% nunca ouviram falar sobre o assunto.

• Características da matéria-prima

A matéria prima, quando relacionada às marcenarias, caracteriza-se por diversos materiais, como madeira nativa, MDF, compensados, entre tantos outros. No entanto, esta pesquisa se restringiu a determinar o consumo de madeira nativa desses empreendimentos. De acordo com as marcenarias que participaram da pesquisa, desde o ano de 2010 percebe-se um crescimento do consumo do setor, ainda mais expressivo de 2011 a 2012, onde a estimativa é de 9.424 m³ de madeira nativa, conforme demonstra o gráfico 21.

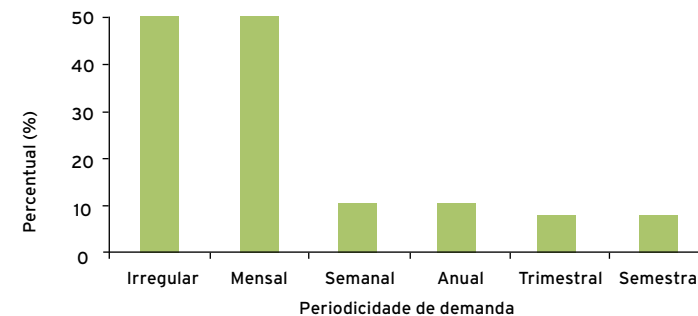
GRÁFICO 21: CONSUMO DE MADEIRA NATIVA PELAS MARCENARIAS ACREANAS, EM 2010, 2011 E ESTIMATIVA PARA 2012



Este otimismo do setor está relacionado ao processo de legalização desses empreendimentos e também do apoio que o governo do Acre vem fornecendo a eles, tanto para a legalização quanto para a obtenção de matéria prima de origem legal, fortalecendo o trabalho dos marceneiros. É válido mencionar que esses empreendimentos são bastante heterogêneos com relação ao porte dos mesmos, de forma que foram encontrados empreendimentos com um consumo de 7 m³ anuais, com características familiares, a 3.000 metros cúbicos anuais, empreendimentos maiores e mais estruturados.

A periodicidade da demanda, analisada nas marcenarias, demonstrou que a metade dos entrevistados possui uma periodicidade irregular, ou seja, conforme aparecem os pedidos são feitas as buscas pelas espécies selecionadas nas serrarias locais. Ainda, 18,42% mencionaram que demandam por madeira nativa mensalmente.

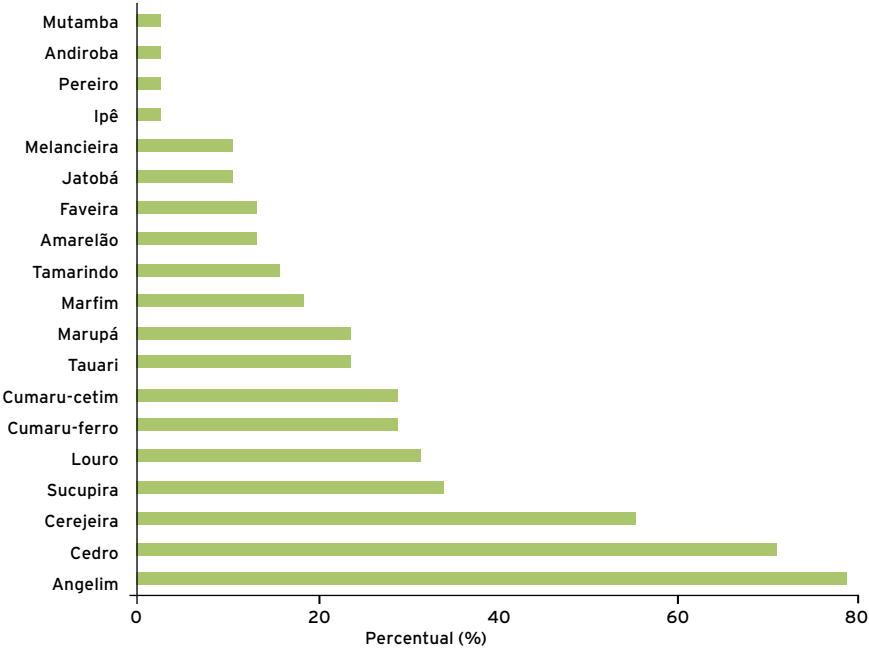
GRÁFICO 22: PERIODICIDADE DA DEMANDA PARA AS MARCENARIAS ACREANAS



A ausência de um local adequado para armazenar a madeira comprada pelas marcenarias tem sido um dos fatores que limita a compra planejada por estes empreendimentos. Aquelas empresas que possuem espaço suficiente, realizam a compra regular durante as safras e, dessa forma é possível encontrar madeiras de melhores qualidades e pagar um preço mais acessível, quando o volume de compra é maior.

Solicitou-se a cada entrevistado que listassem as espécies madeireiras mais procuradas por esses empreendimentos e, dessa forma, as espécies mencionadas foram respectivamente: angelim, cedro, cerejeira, sucupira e louro, conforme demonstra o gráfico 23.

GRÁFICO 23: ESPÉCIES MAIS PROCURADAS PELAS MARCENARIAS DE RIO BRANCO, CRUZEIRO DO SUL E XAPURI, ACRE

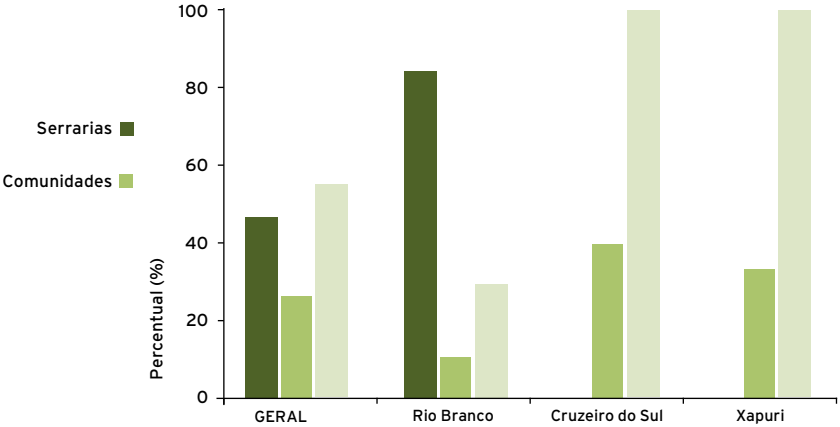


A origem da madeira consumida é, na maior parte das vezes, proveniente de áreas de pequenos e grandes proprietários de áreas de manejo florestal, ou seja, do manejo empresarial, correspondendo a 55,26% dos entrevistados, seguido da compra nas serrarias 47,37% e de comunidades (incluindo também a Cooperfloresta) foi equivalente a 55,26%. Essa madeira se encontra sob diversos níveis de beneficiamento, como: pranchas, blocos, tábuas e peças, dependendo do produto a que essa matéria prima se destina.

No entanto, quando analisamos a origem da matéria prima por município, verificamos algumas diferenças fundamentais, que caracterizam as especifi-

cidades do setor madeireiro. Para essas análises, foi permitido que os informantes mencionassem mais de uma origem da matéria prima e, dessa forma, a somatória das origens excede a 100%, conforme pode ser visualizado no gráfico 24:

GRÁFICO 24: ORIGEM DA MATÉRIA PRIMA GERAL E POR MUNICÍPIO ANALISADO.



No município de Rio Branco, 85% dos entrevistados informaram comprar madeira das serrarias locais, principalmente relacionadas ao termo de compromisso estabelecido com o setor, que fornece madeira de 10 espécies pelo valor tabelado de R\$400,00 o metro cúbico. Essas espécies são, de acordo com o estabelecido no termo: angelim, cedro, cumaru-ferro, cumaru-cetim, tamarindo, sucupira, jatobá, cerejeira, roxinho e amarelão. A segunda origem mais expressiva foi a compra direta de proprietários de áreas de manejo (30%) seguido de comunidades (10%).

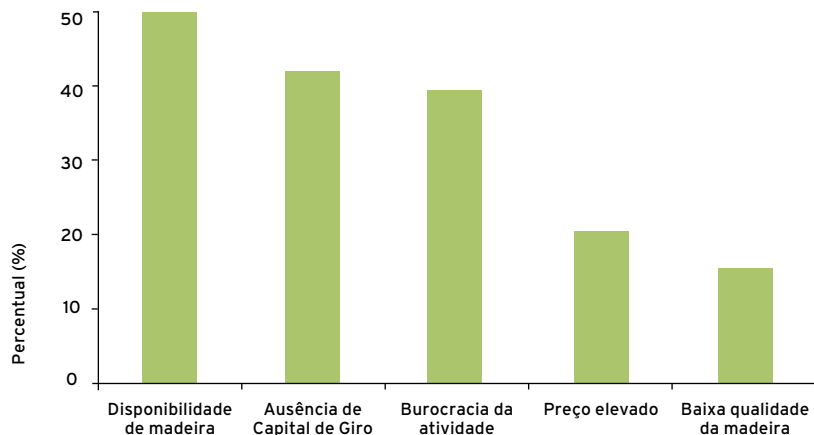
Em Xapuri o cenário apresenta características distintas. Como não existiam, na data de realização desta pesquisa, serrarias que pudessem fornecer insumos para as marcenarias, verificou-se que a origem 100% da madeira vem de proprietários de áreas de manejo e, ainda, 33,33% compraram madeira diretamente de comunidades próximas (AMPPAE-CM e ASPPAE-SE).

Por fim, em Cruzeiro do Sul, 100% dos entrevistados mencionaram adquirir madeira nativa de proprietários de áreas rurais que, por meio das licenças de desmatamento, podem desmatar parte de suas propriedades. Essa madeira é licenciada e entra no mercado de Cruzeiro do Sul para abastecer as marcenarias, de forma que esta é a principal origem dos insumos das marcenarias do município.

Ainda, 40% compram madeira de comunidades próximas (AAPRPAPF e Comunidade Paraná dos Mouras), que são responsáveis pela extração florestal não mecanizada e também pelo beneficiamento inicial da matéria prima feito nas propriedades, que sai da comunidade como pranchas, tábuas, vigas, etc, facilitando o transporte e aumentando o número de possíveis compradores.

Com relação às dificuldades na aquisição de madeira, notou-se que 91,43% dos entrevistados informaram que existem dificuldades para obtenção de madeira nativa legal. Dentre essas dificuldades, citam-se: (i) a disponibilidade de madeira; (ii) ausência de capital de giro; (iii) burocracia da atividade; (iv) preço elevado e (v) baixa qualidade da madeira, conforme demonstra o gráfico 25:

GRÁFICO 25: DIFICULDADES ENCONTRADAS NA OBTENÇÃO DE MADEIRA NATIVA PELAS MARCENARIAS ACREANAS



As marcenarias são seletivas com relação à espécie demandada, uma vez que não são todos os tipos de madeira que servem para essas empresas. Dessa forma, a disponibilidade da madeira se refere à dificuldade de alguns marceneiros em encontrar algumas espécies, como por exemplo o roxinho, o amarelão e a cerejeira. A ausência de capital de giro e o preço elevado da madeira também foram mencionados pelos marceneiros entrevistados como um dos fatores limitantes.

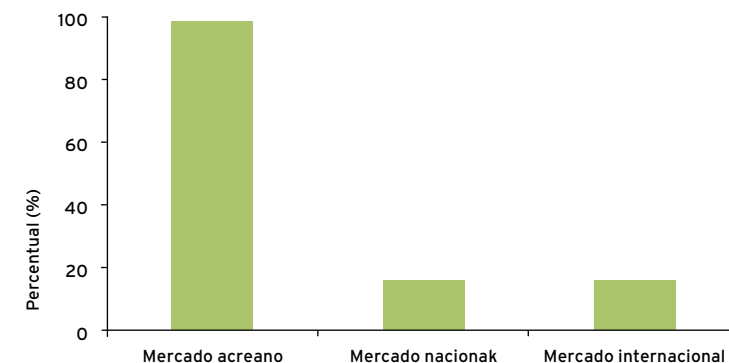
De acordo com os informantes, a burocracia do manejo florestal está relacionada à morosidade nos trâmites da documentação e liberação da matéria-prima, tanto relacionado à obtenção quanto ao transporte da madeira nativa. Ainda, a baixa qualidade da madeira nativa acessada por esses empreendimentos também foi um fator limitante identificado.

O aproveitamento de resíduos da extração florestal é uma atividade que interessa a 39,47% dos entrevistados. Esses resíduos podem ser utilizados para o fabrico de vários produtos, como por exemplo: móveis, produtos da construção civil, brinquedos, utilitários, materiais decorativos e instrumentos pedagógicos.

• Destinação da produção

Assim como para as serrarias, a destinação da produção teve a finalidade de identificar a relação das marcenarias locais com o mercado acreano, o mercado nacional e internacional. Nesse sentido, observou-se que 97,37% das empresas entrevistadas comercializam sua produção no mercado acreano, uma vez que foi identificado empreendimento que se especializou no mercado externo (nacional e internacional). No entanto, somente 15,79% negociam sua produção no mercado nacional, com destaque para a região sul e sudeste. Das marcenarias analisadas, somente 2,63% comercializaram sua produção no mercado internacional, destacando-se a venda para a Alemanha. Esse empreendimento possui a certificação da cadeia de custódia FSC.

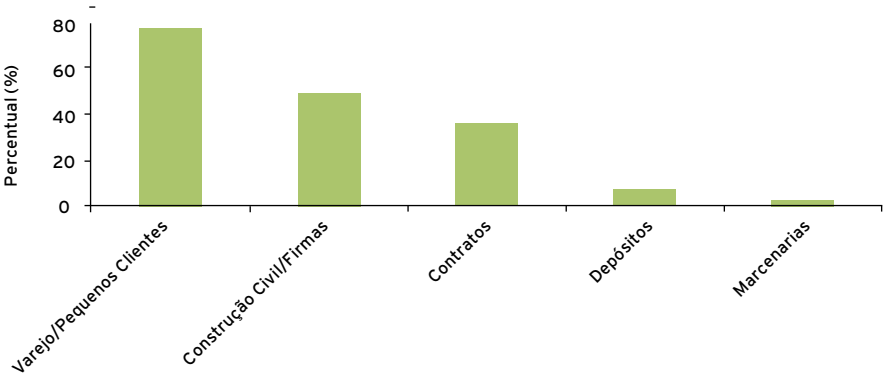
GRÁFICO 26: DESTINAÇÃO DA PRODUÇÃO DAS MARCENARIAS DO ACRE



Diante deste resultado, é imprescindível o fomento de iniciativas que visem a inserção da produção local das marcenarias nos mercados nacionais e internacionais. Para isso, trabalhar a qualidade do produto, através do aprimoramento do design e o conhecimento deste mercado é imprescindível. Nesse sentido, o Governo do Acre, juntamente com representantes do setor madeireiro acreano, conheceram iniciativas do setor em Milão, Itália, com a finalidade de aproximar esses mercados e intercambiar informações e conhecimento entre os envolvidos.

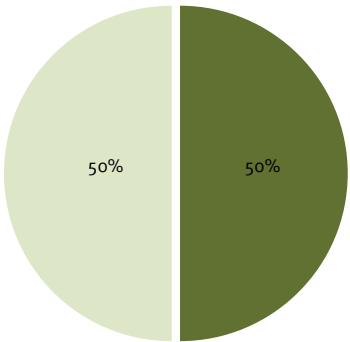
A produção final das marcenarias abastece principalmente o varejo/pequenos clientes e as empresas de construção civil. No entanto, verificou-se que 36,84% das marcenarias locais possuem contratos de vendas com o Governo do Acre, para o fornecimento de madeira ou móveis para as escolas, por exemplo. Como foi permitido aos entrevistados informar mais de um consumidor de sua produção, a somatória excede a 100%.

GRÁFICO 27: DESTINAÇÃO DA PRODUÇÃO: MERCADO-META DAS SERRARIAS DO ACRE



Das marcenarias entrevistadas, a metade possui um histórico de comercialização de madeira nativa oriunda de comunidades do Estado do Acre, conforme demonstra o gráfico 28. Essa comercialização ocorre nos empreendimentos e a madeira é negociada em blocos. Uma das vantagens mencionadas é que dessa forma é possível avaliar a qualidade da madeira que está se comprando, no entanto, é preciso que a madeira seja legalizada.

GRÁFICO 28: HISTÓRICO DE COMERCIALIZAÇÃO DE MADEIRA NATIVA DAS SERRARIAS COM AS COMUNIDADES LOCAIS

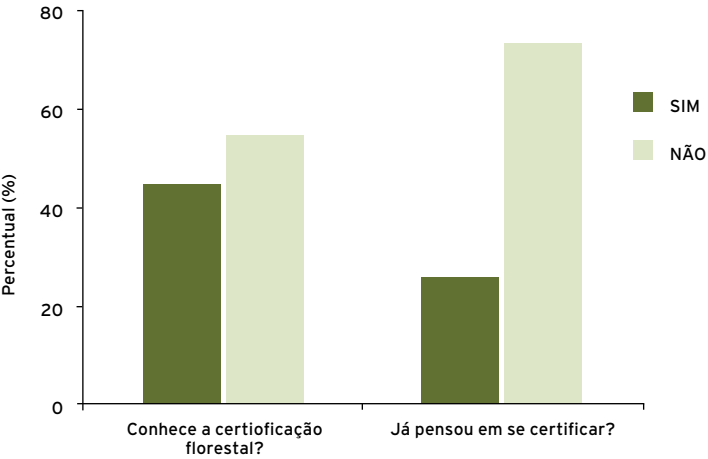


Quando questionadas a respeito do interesse em adquirir madeira nativa de comunidades do Acre, 92,11% das serrarias abordadas por esta pesquisa mencionaram que tem interesse neste mercado. O principal benefício mencionado foi a qualidade da madeira desses empreendimentos e a maior dificuldade se refere à baixa oferta de madeira comunitária legal.

• Certificação Florestal

Com relação à certificação florestal, 44,74% do total das marcenarias abordadas por esta pesquisa relataram que conhecem a certificação florestal. Ainda, dos empreendimentos entrevistados 26,32% informaram que já pensaram em obter a certificação para seus empreendimentos, o que demonstra a falta de conhecimento por parte desses empreendimentos. No entanto somente 10,53% destes possuem o selo FSC.

GRÁFICO 29: CONHECIMENTO SOBRE A CERTIFICAÇÃO FLORESTAL E INTERESSE EM SE CERTIFICAR DAS MARCENARIAS ACREANAS.

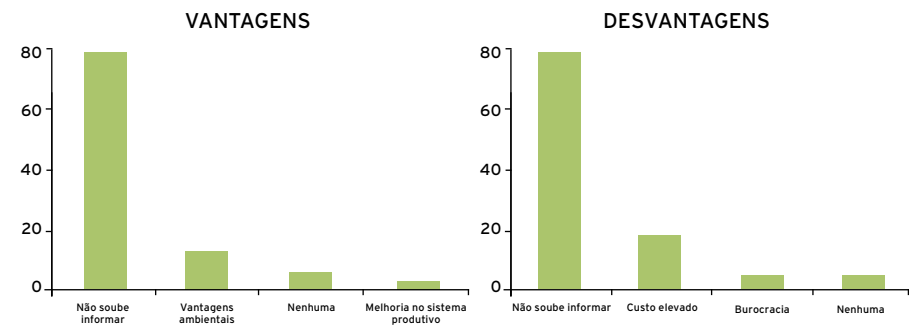


Observou-se que a maioria das marcenarias do Acre não conhecem o processo de certificação florestal, com relação ao seu funcionamento, objetivos e custos. A certificação florestal, relacionada às vantagens e desvantagens no sistema produtivo ou de beneficiamento e no mercado também é desconhecida por grande parte dos entrevistados. As vantagens e desvantagens relatadas pelos entrevistados, com relação ao sistema produtivo ou de beneficiamento da madeira são apresentadas no gráfico 30.

As principais vantagens do sistema produtivo e beneficiamento mencionadas foram: as vantagens ambientais, pela garantia da origem da madeira e a melhoria do sistema produtivo, advinda do aprendizado proporcionado pela certificação florestal. O custo elevado e a burocracia para certificação e manutenção do selo foram as desvantagens relatadas.

GRÁFICO 30: VANTAGENS E DESVANTAGENS DA CERTIFICAÇÃO FLORESTAL DO SISTEMA PRODUTIVO OU DE BENEFICIAMENTO NAS MARCENARIAS

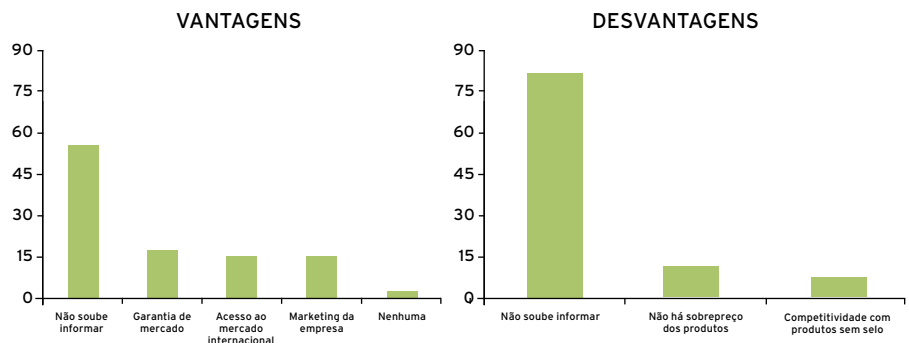
Sistema produtivo ou de beneficiamento



A respeito da certificação, relacionada ao mercado, foi observado o mesmo, ou seja, o percentual de desinformação a respeito da certificação florestal ainda é elevado, conforme demonstra o gráfico 31:

GRÁFICO 31: VANTAGENS E DESVANTAGENS DA CERTIFICAÇÃO FLORESTAL NO MERCADO, PARA AS MARCENARIAS

Mercado madeireiro



As vantagens mencionadas foram: a garantia de mercado por meio de contratos mais longos de comercialização, o acesso ao mercado internacional e a certificação relacionada ao marketing da empresa. As desvantagens, por sua vez, foram a ausência de preço maior pago pelo mercado de produtos certificados e a relação de competitividade com outros produtos similares que não possuem o selo. Mais uma vez, esses resultados demonstram a necessidade da promoção de momentos formativos a respeito do manejo e mercado de produtos florestais madeireiros, com foco em certificação florestal.

Por fim, quanto questionados a respeito do crescimento da demanda por madeira e produtos certificados no mercado, 57,89% dos entrevistados relataram que enxergam o crescimento da demanda por madeira certificada no mercado em que atuam, 15,79% acreditam não haver crescimento e 26,32% não souberam informar.

5. Demanda de madeira certificada fsc de comunidades do acre

Atualmente, de acordo com o Conselho Brasileiro de Manejo Florestal (FSC-Brasil) existem sete empreendimentos com certificados de cadeia de custódia válidos no Estado do Acre, no entanto, um deles refere-se a uma gráfica. Dessa forma, para a madeira nativa temos seis certificados, sendo: uma marcenaria em Xapuri, uma serraria em Rio Branco, um sindicato (que congrega 3 marcenarias certificadas em Rio Branco), uma cooperativa de produtores comunitários florestais (Cooperfloresta), um polo moveleiro e uma fábrica de pisos (que se encontrava em reestruturação na data de realização desta pesquisa).

Dessa forma, essa pesquisa entrevistou 100% dos empreendimentos certificados do Estado do Acre que demandam madeira certificada, com a finalidade de se determinar a demanda local por madeira certificada. Dos empreendimentos pesquisados, somente os centros de beneficiamento e consumo de madeira nativa que possuem a certificação florestal FSC demonstraram interesse em adquirir madeira certificada de comunidades atualmente.

No entanto, na data de realização desta pesquisa, a serraria certificada FSC, responsável por grande parte da demanda por madeira certificada FSC do Acre, informou que não planeja adquirir madeira com o selo, temporariamente. Tal fato fez com que a demanda por madeira certificada FSC de comunidades do Acre ficasse reduzida nos anos analisados.

A tabela 5 demonstra os empreendimentos certificados FSC do Acre responsáveis pela demanda de madeira com o selo FSC no mercado local.

TABELA 5: EMPREENDIMENTOS COM CERTIFICAÇÃO DE CADEIA DE CUSTÓDIA FSC DO ACRE, EM 2012

Regional	Município	Tipo de empreendimento	Atividade	Demanda anual por madeira certificada (m³)
Baixo Acre	Rio Branco	Serraria	Distribuidor	0,00
Baixo Acre	Rio Branco	Sindicato de Marceneiros*	Processamento secundário	274,00
Alto Acre	Xapuri	Marcenaria	Processamento secundário	40,00
Alto Acre	Xapuri	Fábrica de piso**	Processamento primário	-
				314,00

Nota: * O sindicato é composto por 3 marcenarias que demandam, juntas, 274 m³ anuais;
**A Fábrica de piso estava em fase de reestruturação na data de realização desta pesquisa.

A demanda de madeira certificada no Acre está passando por um momento de transição. A madeira certificada de comunidades, vendida em tora por meio de contratos de terceirização da extração florestal, passará a ser beneficiada pela antiga Fábrica de Pisos Xapuri. Esse empreendimento, que possui gestão compartilhada entre Cooperfloresta, com apoio do Governo do Acre/ Agência de Negócios do Acre - ANAC (20%) e empresa privada (80%), será responsável por avançar no beneficiamento da madeira nativa das comunidades certificadas.

Dessa forma, o panorama de comercialização da Cooperativa, responsável pela negociação e comercialização da madeira comunitária certificada, passa a ser diferente, de forma que o mercado também se diferencia, com a possibilidade de comercializar com diversos segmentos do setor madeireiro, podendo se estender a venda direta ao consumidor final.

6. DISCUSSÃO E CONSIDERAÇÕES FINAIS

O Estado do Acre possui grande parte de sua extensão territorial de florestas, com potencial em abrigar iniciativas de manejo florestal, sob domínio de comunidades. No ano de 2011, foram 13 POA's de comunidades solicitados para licenciamento no Acre, envolvendo diretamente 230 famílias, 98 espécies madeireiras e 41.452,895 m³. Sendo assim, a importância do manejo florestal comunitário é indiscutível, seja pelo abastecimento de madeira nativa legal dos centros de beneficiamento e consumo, pela geração de mais uma alternativa de trabalho e renda dentro das comunidades manejadoras, ou por ser uma estratégia de desenvolvimento local, quando bem gerido.

O manejo florestal comunitário, como uma de tantas estratégias de desenvolvimento local, deve preconizar os aspectos financeiros, ambientais e também sociais, tratando a organização comunitária como princípio fundamental e pilar da estrutura do manejo florestal. A busca pela compreensão coletiva do manejo florestal ainda é um desafio, que passa, obrigatoriamente, pela necessidade do trabalho interinstitucional e, principalmente, da decisão comunitária.

O panorama atual do manejo em comunidades do Acre vem passando por um processo de terceirização da extração florestal, realizada por empresas privadas. Nesses casos, o trabalho de organização de pessoas e processos é ainda mais imprescindível, para que a atuação das comunidades não se restrinja à detenção e fornecimento dos recursos florestais. Neste aspecto, o manejo florestal deve estar inserido dentro do planejamento de desenvolvimento da comunidade.

O trabalho para se compreender e organizar a cadeia produtiva da madeira nativa de comunidades no Acre se estende a uma teia de relações interinstitucionais. Nesse sentido, identificou-se a necessidade de se aprimorar o processo de licenciamento do manejo florestal comunitário, que por muitas vezes afeta o planejamento do manejo florestal e, por conseguinte, a oferta de madeira de comunidades do Acre.

Mais recentemente, a aprovação do manejo florestal madeireiro mecanizado nas Reservas Extrativistas é outro fator importante na composição da oferta de madeira de comunidades acreanas. Essas áreas comunitárias possuem vasta reserva de madeira em áreas aptas ao manejo florestal, aumentando ainda mais a necessidade de se fomentar o entendimento e a organização dessas comunidades a respeito do manejo florestal madeireiro, seus objetivos, perspectivas, resultados e dificuldades, nos três eixos de sustentação do bom manejo florestal: o econômico, o social e o ambiental.

A certificação florestal, neste cenário, apresenta resultados positivos, por possuir princípios e critérios que, por si só, exigem dos detentores do manejo florestal uma organização básica para gestão e acompanhamento de todo o processo de manejo. Dessa forma, no ano de 2011 a oferta de madeira certificada FSC de comunidades do Acre representou 21,93% de toda a madeira dos POA's 2011 licenciados ou em licenciamento no Estado, com perspectivas reais de crescimento.



No entanto, a certificação ainda não é totalmente compreendida por essas comunidades. Nesse sentido, faz-se necessário o desenvolvimento de estratégias de trabalho conjunto, com a finalidade de sensibilizar e informar sobre o manejo e a certificação florestal, por meio de uma visão holística da cadeia produtiva, uma vez que se busca a autosustentabilidade desses empreendimentos florestais.

Com relação à demanda de madeira nativa pelos centros de beneficiamento e consumo do Acre, o estudo deu início a identificação e registro das características do setor madeireiro acreano e, a partir dos resultados, propor uma aproximação entre a demanda e oferta de madeira nativa no Estado e uma reflexão sobre as perspectivas do setor, com foco em comunidades e certificação florestal.

Verificou-se que as serrarias localizam-se concentradas na capital do Estado do Acre, Rio Branco. De acordo com esses empreendimentos, o setor madeireiro relacionado às serrarias apresentou queda na produção, de 2010 a 2012. Os informantes mencionaram que essa queda está intimamente relacionada à burocracia do manejo florestal e à morosidade no processo de licenciamento, a ausência de capital de giro para aquisição de madeira nativa e a irregularidade fundiária, que gera dificuldades na busca de áreas legalizadas aptas ao manejo florestal.

Esses empreendimentos não possuem restrições quanto às espécies comercializadas, uma vez que grande parte das serrarias comprem madeira através de contratos de terceirização da extração florestal. Dessa forma, as espécies solicitadas para corte e licenciadas são consumidas por estas empresas. No entanto, as espécies que apresentaram maior procura foram: o cumaru-ferro, o cumaru-cetim, o jatobá e a samaúma e a garapeira.

Algumas serrarias demonstraram interesse no aproveitamento dos resíduos da extração florestal, principalmente, para a geração de energia e também para a fabricação de insumos para a construção civil e marcenarias. Com relação ao mercado, percebeu-se que as serrarias do Acre, de certa forma, acessam o mercado nacional. Mas, o percentual de serrarias que comercializavam com outros países foi muito baixo, quase inexpressivo. Tal fato está intimamente relacionado à falta de acesso ao mercado internacional por parte desses empreendimentos e também a crise econômica mundial.

A certificação florestal, sob a ótica desses empreendimentos é desconhecida por grande parte dos representantes das serrarias acreanas, demonstrando, também, a necessidade de aproximar o conceito, o funcionamento e os objetivos do processo de certificação florestal das serrarias locais.

As principais vantagens da certificação no sistema produtivo e de beneficiamento mencionadas foram: a vantagem ambiental, advinda da garantia da realização de um manejo florestal responsável e a melhoria e/ou estabelecimento de um padrão de qualidade desses empreendimentos. As desvantagens, por sua vez, foram a burocracia do sistema de certificação florestal e o custo elevado para certificação e manutenção do selo.

No mercado madeireiro, as vantagens do selo foram o acesso ao mercado internacional e o sobrepreço dos produtos nesses mercados específicos. A desvantagem mencionada foi a falta de compradores de madeira certificada. Esses empreendimentos demonstraram enxergar o crescimento da demanda por madeira certificada no mercado nacional e, principalmente, internacional.

As marcenarias pesquisadas localizam-se nos municípios de Rio Branco, Cruzeiro do Sul e Xapuri, que representam as regionais Baixo Acre, Juruá e Alto Acre, respectivamente. Esses empreendimentos estão situados espalhados pelas zonas urbanas dos municípios ou concentrados nos polos moveleiros locais.

O setor madeireiro, relacionado às marcenarias, apresentou aumento de produção, quando se compara o consumo de madeira nativa desses empreendimentos de 2010 a 2012. Este otimismo do setor está relacionado ao processo de legalização e também do incentivo que o governo do Acre vem fornecendo, tanto para a legalização quanto para a garantia de compra de matéria prima de origem legal, fortalecendo o trabalho dos marceneiros.

O termo de cooperação estabelecido entre o governo e os marceneiros do Acre, que preconiza o fornecimento de 10 espécies ao preço tabelado de R\$400,00 o metro cúbico, foi muito bem aceito e atua como incentivo para o setor. Esse valor é cerca de R\$100,00 inferior ao praticado no mercado, para as marcenarias com cadastro simplificado (empreendimentos com consumo ou armazenamento máximo de 10 m³ ao mês).

No entanto, algumas dificuldades na obtenção de madeira nativa legal ainda são mencionadas pelos representantes das marcenarias locais, como: a baixa disponibilidade de madeira e a dificuldade de se encontrar determinadas espécies; a ausência de capital de giro para garantir o estoque de madeira nativa e a burocracia da atividade, que gera atrasos e dificulta o processo de extração, transporte e chegada desses produtos ao mercado.

As marcenarias, de maneira geral, são mais seletivas quanto à matéria-prima, uma vez que necessitam de espécies madeireiras que, no decorrer do sistema produtivo, não sofram danos, como empenamentos, rachaduras, entre outros. As principais espécies mencionadas por estes empreendimentos foram: angelim, cedro, cerejeira, sucupira, louro, cumaru-ferro e cumaru-cetim.

É pertinente mencionar a necessidade do desenvolvimento de pesquisas voltadas para identificação e caracterização das espécies madeireiras utilizadas pelos centros de beneficiamento e consumo, para inserção dessas espécies no mercado moveleiro e da construção civil. O desconhecimento das características e qualidades das espécies madeireiras da Amazônia na indústria faz com que as marcenarias afunilem a diversidade de espécies utilizadas.

O aproveitamento de resíduos da extração florestal também é uma atividade que necessita de estudos mais aprofundados e investimento. O aproveitamento interessa a 39,47% das marcenarias entrevistadas, para comporem o sistema produtivo de móveis, utilitários, decorativos e na construção civil, com destaque para portas, janelas, acabamentos, e outros.

As marcenarias acreanas estão voltadas principalmente para o fornecimento de produtos no mercado local, de forma que muito poucas acessaram o mercado nacional e, a participação no mercado internacional foi inexpressiva, correspondendo a 2,63% das marcenarias entrevistadas. Tal fato demonstra a necessidade em se desenvolver ações de capacitação das marcenarias acreanas em design, gestão e comercialização, com foco no mercado nacional e internacional.

A metade dessas empresas possui histórico de comercialização com comunidades e destacam a qualidade do produto como principal vantagem da madeira nativa comunitária, porém, evidenciou-se o a dificuldade em encontrar oferta de madeira legal de comunidades. Esses empreendimentos também desconhecem a certificação florestal, sendo que a maior parte dos representantes das marcenarias não souberam informar a respeito dos benefícios e dificuldades da certificação florestal no sistema produtivo e de beneficiamento, assim como no mercado madeireiro. Os que souberam informar mencionaram como vantagens os benefícios ambientais e a garantia de mercado, aliado ao acesso ao mercado internacional. As desvantagens foram o custo elevado da certificação, a burocracia do processo, a inexistência do sobrepreço e a competitividade com produtos não certificados.

A demanda de madeira certificada FSC no Acre passa por um processo de mudanças substanciais. O envolvimento da Cooperfloresta no CIAA irá permitir às comunidades avançarem algumas etapas no processo produtivo, podendo-se chegar a confecção de produtos com alto nível de acabamento, alcançando mercados diferenciados dos praticados até então. Em virtude desta fase de reestruturação, a demanda de madeira nativa certificada FSC de comunidades do Acre foi extremamente baixa e representada somente pelas marcenarias locais com certificação de cadeia de custódia.

De maneira geral, este estudo teve a finalidade de conhecer melhor o setor florestal madeireiro do Estado do Acre, por meio da determinação e detalhamento da oferta e demanda de madeira nativa, com foco em comunidades e certificação florestal. Assim, identificou-se a necessidade da articulação de um trabalho interinstitucional, envolvendo comunidades, empresas, o governo e as entidades não governamentais envolvidas na temática, para o fortalecimento da cadeia produtiva da madeira nativa do Acre.

O esforço para melhoria do setor madeireiro acreano, relacionado às comunidades e a certificação florestal deve passar, obrigatoriamente, pela atuação direta junto à três diferentes atores envolvidos: (i) as comunidades: fortalecendo a organização e gestão do manejo florestal comunitário, como uma das possíveis ferramentas do desenvolvimento local; (ii) os centros de beneficiamento e consumo: aproximando esse setor dos conceitos e objetivos do manejo comunitário e da certificação florestal FSC, como estratégia de melhoria do sistema produtivo, marketing e acesso a novos mercados e, por fim; (iii) os consumidores finais: sensibilizando e aproximando os consumidores finais da proposta do manejo florestal em comunidades e certificado, explicitando-se, em especial, o consumo responsável dos recursos florestais do Brasil.

7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Esta pesquisa utilizou alguns estudos com a finalidade de caracterizar o manejo florestal comunitário, o setor madeireiro e a certificação florestal. Esses estudos foram:

ACRE. Governo do Estado do Acre. Programa Estadual de Zoneamento Ecológico-Econômico do Estado do Acre. Zoneamento Ecológico-Econômico do Acre Fase II: documento síntese – Escala 1: 250:000. Rio Branco: SEMA, 2006. Comunicação pessoal com o Conselho Brasileiro de Manejo Florestal – FSC-Brasil.

FOOD AND AGRICULTURE ORGANIZATION OF UNITED NATIONS. State of World's Forests 2011. Rome, 2011. Disponível em <<http://www.fao.org/forestry>>. Acesso em: 9 mai. 2011.

PEREIRA, J.; SANTOS, D.; VEDOVETO, M.; GUIMARÃES, J. VERÍSSIMO, A. Fatos florestais da Amazônia 2010. Belém: IMAZON, 2010.



8. Apêndices

APÊNDICE 1 Espécies madeireiras solicitadas para corte nos POA's 2010 de comunidades do Acre, em ordem decrescente de volume.

OFERTA DE MADEIRA NATIVA DE COMUNIDADES DO ACRE, 2010				
Nº	Nome vernacular	Nome científico	TOTAL POR ESPÉCIE	
			Volume explorável (m³)	Nº de indivíduos
1	Garapeira (cumarú-cetim)	<i>Apuleia molaris</i> Spruce et. Benth.	3675,242	470
2	Cumarú-ferro	<i>Dipteryx odorata</i>	3080,253	332
3	Tauari	<i>Couratari guianensis</i>	3020,72	349
4	Samauma-branca	<i>Ceiba pentandra</i>	2122,996	166
5	Guariuba	<i>Clarisia racemosa</i> R. et Pay	755,982	140
6	Xixa (Abobrao)	<i>Sterculia speciosa</i>	603,373	104
7	Bajao (Bandarra)	<i>Parkia paraensis</i>	579,247	80
8	Samauma-vermelha (Preta)	<i>Eriotheca longipedicellata</i>	518,811	64
9	Jequitiba	<i>Cariniana estrellensis</i>	504,261	53
10	Jutai	<i>Hymenaea oblongifolia</i>	492,972	91
11	Mururezinho (Manite)	<i>Brosimum sp.</i>	463,156	56
12	Catuaba	<i>Qualea sp.</i>	449,484	67
13	Cedro-rosa	<i>Cedrela odorata</i> L.	438,033	89
14	Ipe-amarelo	<i>Tabebuia serratifolia</i>	390,861	60
15	Maracatiara	<i>Astronium lecointei</i>	377,321	61
16	Cerejeira	<i>Amburana acreana</i>	375,001	57
17	Angelim-branco	<i>Hymenolobium heterocarpum</i> Ducke	374,078	69
18	Tamarinda	<i>Dialium guianensis</i>	357,603	118
19	Mata-mata	<i>Eschweilera coriacea</i>	322,244	73
20	Mirindiba amarela	<i>Terminalia amazonica</i>	315,727	54
21	Abiu	<i>Pouteria caimito</i>	310,671	60
22	Violeta	<i>Peltogyne catingae</i>	303,172	59
23	Fava Orelhinha	<i>Enterolobium schomburgkii</i>	292,849	46
24	Tauari fofo (munguba)	<i>Bombax munguba</i>	274,465	38
25	Ipe-roxo	<i>Tabebuia imegitinosa</i>	228,419	39
26	Castanharana	<i>Eschweilera odorata</i> (Poepp) Miers.	194,447	38
27	Abiurana	<i>Pouteria guianensis</i> Aubl.	192,901	43
28	Timburi	<i>Enterolobium maximum</i>	189,311	22
29	Pereiro (Peroba)	<i>Aspidosperma macrocarpon</i>	184,005	20
30	Quaruba (Cambara)	<i>Vochysia maxima</i>	179,076	33

31	Maçaranduba	<i>Manilkara huberi</i>	175,662	29
32	Caucho	<i>Castilla ulei</i> Warb.	174,167	44
33	Guaribeiro	<i>Phyllocarpus riedelii</i> Tol.	167,704	19
34	Amapá	<i>Brosimum utile</i>	164,078	27
35	Amarelão	<i>Aspidosperma parvifolium</i>	151,365	36
36	Angelim saia	<i>Parkia pendula</i>	149,427	14
37	Faveira	<i>Parkia nitida</i> Miq	140,484	20
38	Copaíba preta	<i>Copaifera multijuga</i>	138,557	13
39	Ucuuba	<i>Virola</i> sp.	137,965	24
40	Itaúba	<i>Mezilaurus itauba</i>	110,35	16
41	Sucupira amarela	<i>Vatairea sericea</i>	105,766	27
42	Angelim-pedra	<i>Hymenolobium excelsum</i>	105,297	16
43	Louro-chumbo	<i>Licaria cannella</i>	100,359	18
44	Caixeta	<i>Simarouba amara</i>	89,509	22
45	Tanimbuca	<i>Buchenavia capitata</i>	86,111	9
46	Pequiarana	<i>Caryocar glabrum</i>	85,288	20
47	Copaíba-branca	<i>Copaifera langsdorffii</i>	74,383	12
48	Embirema	<i>Couratari oblongifolia</i>	68,18	11
49	Angico vermelho	<i>Piptadenia suaveolens</i> Miq.	64,825	11
50	Cajuí	<i>Anacardium giganteum</i>	64,707	7
51	Ucuuba-preta	<i>Virola sebifera</i>	60,637	11
52	Jatobá	<i>Hymenaea courbaril</i>	56,789	5
53	Marupa	<i>Jacaranda copaia</i>	54,685	10
54	Cedrilho	<i>Erismia uncinatum</i>	46,78	5
55	Roxinho	<i>Peltogyne paniculata</i> Benth.	46,059	14
56	Fava de Arara	<i>Parkia multijuga</i>	42,331	5
57	Breu-vermelho	<i>Tetragastris altissima</i>	37,74	14
58	Jito 2	<i>Guarea trichilioides</i>	37,658	5
59	Angelim amargoso	<i>Vatairea guianensis</i>	24,255	4
60	Breu	<i>Protium heptaphyllum</i>	16,797	5
61	Maria-preta (Cinzeiro)	<i>Terminalia</i> sp.	16,093	3
62	Itaubão (louro-iatuba)	<i>Ocotea rubra</i>	15,514	1
63	Corrimboque	<i>Cariniana integrifolia</i> Ducke.	8,272	1
64	Bálsamo	<i>Myroxylon peruiferum</i>	7,291	2
65	Catuaba amarela	<i>Qualea tesmannii</i>	6,921	1
66	Cernambi-de-índio	<i>Ormosia flava</i>	4,614	1
TOTAL			24403,301	3433

APÊNDICE 2 Lista das espécies licenciadas das quatro comunidades certificadas FSC do Acre, 2010.

OFERTA DE MADEIRA NATIVA DE COMUNIDADES DO ACRE, 2010				
Nº	Nome vernacular	Nome científico	TOTAL POR ESPÉCIE	
			Volume explorável (m³)	Nº de indivíduos
1	Cumaru-ferro	<i>Dipteryx odorata</i>	1348,22	140
2	Samauma-branca	<i>Ceiba pentandra</i>	1099,817	91
3	Tauari	<i>Couratari guianensis</i>	1098,379	127
4	Garapeira (cumaru-cetim)	<i>Apuleia molaris Spruce et. Benth.</i>	966,563	125
5	Mururezinho (Manite)	<i>Brosimum sp.</i>	308,94	33
6	Guariuba	<i>Clarisia racemosa R. et Pay</i>	288,97	39
7	Cedro-rosa	<i>Cedrela odorata L.</i>	249,838	44
8	Pereiro (Peroba)	<i>Aspidosperma macrocarpon</i>	184,005	20
9	Jutai	<i>Hymenaea oblongifolia</i>	174,418	33
10	Ipe-amarelo	<i>Tabebuia serratifolia</i>	148,715	26
11	Cerejeira	<i>Amburana acreana</i>	123,517	19
12	Bajao (Bandarra)	<i>Parkia paraensis</i>	114,676	12
13	Fava Orelhinha	<i>Enterolobium schomburgkii</i>	113,938	19
14	Itaúba	<i>Mezilaurus itauba</i>	110,35	16
15	Faveira	<i>Parkia nitida Miq.</i>	110,212	15
16	Abiu	<i>Pouteria caimito</i>	88,981	14
17	Tanimbuca	<i>Buchenavia capitata</i>	86,111	9
18	Ipe-roxo	<i>Tabebuia impegitinoso</i>	82,743	13
19	Maçaranduba	<i>Manilkara huberi</i>	71,196	10
20	Samauma-vermelha (Preta)	<i>Eriotheca longipedicellata</i>	68,963	11
21	Mirindiba amarela	<i>Terminalia amazonica</i>	67,835	10
22	Angico vermelho	<i>Piptadenia suaveolens Miq.</i>	64,825	11
23	Angelim saia	<i>Parkia pendula</i>	62,516	6
24	Amarelao	<i>Aspidosperma parvifolium</i>	60,631	14
25	Angelim-branco	<i>Hymenolobium heterocarpum Ducke</i>	59,196	11
26	Jatobá	<i>Hymenaea courbaril</i>	56,789	5
27	Guaribeiro	<i>Phyllocarpus riedelii Tol.</i>	52,652	6
28	Quaruba (Cambara)	<i>Vochysia maxima</i>	45,029	10
29	Fava de Arara	<i>Parkia multijuga</i>	42,331	5
30	Jito 2	<i>Guarea trichilioides</i>	37,658	5
31	Marupa	<i>Jacaranda copaia</i>	33,968	6
32	Timburi	<i>Enterolobium maximum</i>	33,733	4

33	Catuaba	<i>Qualea sp.</i>	28,664	5
34	Roxinho	<i>Peltogyne paniculata Benth.</i>	25,383	8
35	Xixa (Abobrao)	<i>Sterculia speciosa</i>	24,24	4
36	Angelim-pedra	<i>Hymenolobium excelsum</i>	19,481	4
37	Maracatiara	<i>Astronium lecointei</i>	18,91	4
38	Breu	<i>Protium heptaphyllum</i>	16,797	5
39	Itaubão (louro-iatuba)	<i>Ocotea rubra</i>	15,514	1
40	Caucho	<i>Castilla ulei Warb.</i>	13,388	3
41	Caixeta	<i>Simarouba amara</i>	12,012	3
42	Breu-vermelho	<i>Tetragastris altissima</i>	11,851	2
43	Tamarinda	<i>Dialium guianensis</i>	10,158	2
44	Corrimboque	<i>Cariniana integrifolia Ducke.</i>	8,272	1
45	Bálsamo	<i>Myroxylon peruiferum</i>	7,291	2
46	Catuaba amarela	<i>Qualea tesmannii</i>	6,921	1
TOTAL			7674,597	954

APÊNDICE 3 Espécies madeireiras solicitadas para corte nos POA's 2011 de comunidades do Acre, em ordem decrescente de volume

OFERTA DE MADEIRA NATIVA DE COMUNIDADES DO ACRE, 2011				
Nº	Nome vernacular	Nome científico	TOTAL POR ESPÉCIE	
			Volume explorável (m³)	Nº de indivíduos
1	Garapeira (cumarú-cetim)	<i>Apuleia molaris Spruce et. Benth.</i>	5524,674	599
2	Cumarú-ferro	<i>Dipteryx odorata</i>	4610,763	481
3	Samauma-branca	<i>Ceiba pentandra</i>	3658,789	277
4	Tauari	<i>Couratari guianensis</i>	3349,797	352
5	Bajao (Bandarra)	<i>Parkia paraensis</i>	1498,842	169
6	Mururezinho (Manite)	<i>Brosimum sp.</i>	1392,581	189
7	Guariuba	<i>Clarisia racemosa R. et Pay</i>	1133,144	194
8	Jutai	<i>Hymenaea oblongifolia</i>	1131,751	168
9	Samauma-vermelha (Preta)	<i>Eriotheca longipedicellata</i>	829,83	107
10	Cedro-rosa	<i>Cedrela odorata L.</i>	781,2	135
11	Mirindiba amarela	<i>Terminalia amazonica</i>	766,178	101
12	Jequitiba	<i>Cariniana estrellensis</i>	722,219	56
13	Guaribeiro	<i>Phyllocarpus riedelii Tol.</i>	698,484	105
14	Garapeira	<i>Apuleia leiocarpa</i>	576,624	66
15	Matamata-rosa	<i>Eschweilera grandiflora</i>	573,53	87
16	Fava Orelhinha	<i>Enterolobium schomburgkii</i>	550,153	106
17	Xixa (Abobrao)	<i>Sterculia speciosa</i>	520,063	76
18	Jatobá	<i>Hymenaea courbaril</i>	516,644	44
19	Ipe-amarelo	<i>Tabebuia serratifolia</i>	463,387	66
20	Cerejeira	<i>Amburana acreana</i>	456,2	71
21	Caucho	<i>Castilla ulei Warb.</i>	454,397	108
22	Catuaba	<i>Qualea sp.</i>	422,955	60
23	Castanharana	<i>Eschweilera odorata (Poepp) Miers.</i>	410,157	66
24	Abiu	<i>Pouteria caimito</i>	409,914	68
25	Jito 2	<i>Guarea trichilioides</i>	407,981	56
26	Samaúma	<i>Ceiba sp.</i>	407,211	24
27	Angelim-pedra	<i>Hymenolobium excelsum</i>	395,164	46
28	Abiurana	<i>Pouteria guianensis Aubl.</i>	391,239	55
29	Tauari 2	<i>Couratati macrosperma</i>	381,422	35
30	Maçaranduba	<i>Manilkara surinamensis</i>	380,393	62
31	Maracatiara	<i>Astronium lecointei</i>	363,21	60
32	Copaíba preta	<i>Copaifera multijuga</i>	314,983	26

33	Angelim-branco	<i>Hymenolobium heterocarpum Ducke</i>	313,057	51
34	Cedromara (Cedro-aguano)	<i>Cedrelinga catenaeformis</i>	306,405	20
35	Cedrilho	<i>Erismia uncinatum</i>	297,129	35
36	Corrimboque	<i>Cariniana integrifolia Ducke.</i>	286,313	32
37	Tamarinda	<i>Dialium guianensis</i>	275,463	64
38	Amarelão	<i>Aspidosperma parvifolium</i>	270,983	55
39	Pereiro (Peroba)	<i>Aspidosperma macrocarpon</i>	266,316	37
40	Violeta	<i>Peltogyne catingae</i>	249,855	43
41	Amapá	<i>Brosimum utile</i>	240,33	26
42	Maçaranduba	<i>Manilkara huberi</i>	237,634	38
43	Angico vermelho	<i>Piptadenia suaveolens Miq.</i>	203,776	31
44	Tanimbuca	<i>Buchenavia capitata</i>	203,478	24
45	Abiurana-rosa	<i>Micropholis guyanensis</i>	199,127	28
46	Quaruba (Cambara)	<i>Vochysia maxima</i>	163,736	26
47	Itaúba	<i>Mezilaurus itauba</i>	163,492	30
48	Mata-mata	<i>Eschweilera coriacea</i>	158,976	30
49	Fava de Arara	<i>Parkia multijuga</i>	156,799	18
50	Copaíba-branca	<i>Copaifera langsdorffii</i>	152,631	16
51	Catuaba amarela	<i>Qualea tesmannii</i>	145,705	20
52	Caixeta	<i>Simarouba amara</i>	144,806	27
53	Timburi	<i>Enterolobium maximum</i>	139,234	9
54	Breu	<i>Protium heptaphyllum</i>	128,235	23
55	Louro-chumbo	<i>Licaria cannella</i>	126,909	24
56	Assacu	<i>Hura crepitans</i>	126,121	15
57	Sucupira amarela	<i>Vatairea sericea</i>	112,835	22
58	Maparajuba	<i>Manilkara bidentata</i>	95,319	7
59	Embirema	<i>Couratari oblongifolia</i>	91,984	11
60	Pinho-cuiabano (Paricá)	<i>Schizolobium amazonicum</i>	86,371	18
61	Angelim amargoso	<i>Vatairea guianensis</i>	84,487	10
62	Abiurana 2	<i>Pouteria nudipetala</i>	84,304	10
63	Maria-preta (Cinzeiro)	<i>Terminalia sp.</i>	83,739	11
64	Curupixa	<i>Micropholis velunosa</i>	79,272	10
65	Ucuuba-preta	<i>Virola sebifera</i>	76,166	20
66	Amarelão 2	<i>Aspidosperma vargasii</i>	73,933	18
67	Marupa	<i>Jacaranda copaia</i>	73,453	9
68	Macacaúba	<i>Platymiscium duckei</i>	72,554	12
69	Milho-cozido	<i>Sacoglottis guianensis</i>	69,541	9
70	Tomate-preto	Não identificado	65,293	12
71	Cajuí	<i>Anacardium giganteum</i>	55,43	8
72	Ucuuba	<i>Virola sp.</i>	51,944	9
73	Cuiarana	<i>Terminalia tanimbouca</i>	51,886	7
74	Catuaba roxa	<i>Qualea grandiflora Mart.</i>	51,835	8

75	Angelim	<i>Hymenolobium nitidum</i>	51,199	6
76	Balsamo	<i>Myroxylon balsamum</i>	50,213	12
77	Faveira	<i>Parkia nitida</i> Miq	47,008	4
78	Roxinho	<i>Peltogyne paniculata</i> Benth.	46,159	9
79	Ipe-roxo	<i>Tabebuia impegitinoso</i>	44,387	9
80	Bajao 2	<i>Cassia grandis</i>	39,086	9
81	Pequiarana	<i>Caryocar glabrum</i>	37,285	3
82	Mulateiro	<i>Calycophyllum spruceanum</i>	32,581	5
83	Marfim	<i>Agonandra brasiliensis</i> Niers.	31,448	5
84	Louro	<i>Nectandra discolor</i>	29,129	5
85	Angelim saia	<i>Parkia pendula</i>	28,856	4
86	Mulateiro	<i>Capirone decorticans</i>	28,669	7
87	Louro-abacate	<i>Ocotea cymbarum</i>	27,238	6
88	Sapucaia	<i>Lecythis pisonis</i>	26,86	5
89	Pororoca	<i>Martiodendron elatum</i>	21,54	6
90	Gameleira	<i>Ficus sp.</i>	19,316	3
91	Breu-vermelho	<i>Tetragastris altissima</i>	18,544	7
92	Cedro-branco	<i>Cedrela fissilis</i>	17,748	4
93	Cinzeiro	<i>Ampelocera ruizii</i>	10,845	3
94	Angelim-amarelão	<i>Hymenolobium pulcherrimum</i>	9,271	1
95	Sucupira preta	<i>Diploptropis purpurea</i>	8,345	2
96	Jito	<i>Guarea macrophylla</i>	7,378	1
97	Ameixa	<i>Antrocaryon amazonicum</i>	4,691	1
98	Angico branco	<i>Piptadenia foliolosa</i>	4,364	1
TOTAL			41452,895	5166

APÊNDICE 4 Lista das espécies licenciadas/em licenciamento das quatro comunidades certificadas FSC do Acre, 2011.

OFERTA DE MADEIRA NATIVA DE COMUNIDADES DO ACRE, 2011				
Nº	Nome vernacular	Nome científico	TOTAL POR ESPÉCIE	
			Volume explorável (m³)	Nº de indivíduos
1	Garapeira (cumarú-cetim)	<i>Apuleia molaris</i> Spruce et. Benth.	1370,716	144
2	Cumarú-ferro	<i>Dipteryx odorata</i>	1306,402	137
3	Samauma-branca	<i>Ceiba pentandra</i>	974,432	79
4	Tauari	<i>Couratari guianensis</i>	853,421	86
5	Guariuba	<i>Clarisia racemosa</i> R. et Pay	441,371	63
6	Fava Orelhinha	<i>Enterolobium schomburgkii</i>	316,413	77
7	Jutai	<i>Hymenaea oblongifolia</i>	313,154	38
8	Cedro-rosa	<i>Cedrela odorata</i> L.	279,714	51
9	Mururezinho (Manite)	<i>Brosimum sp.</i>	275,303	37
10	Pereiro (Peroba)	<i>Aspidosperma macrocarpon</i>	239,042	33
11	Samauma-vermelha (Preta)	<i>Eriotheca longipedicellata</i>	234,554	30
12	Jito 2	<i>Guarea trichilioides</i>	226,865	33
13	Bajao (Bandarra)	<i>Parkia paraensis</i>	211,981	26
14	Mirindiba amarela	<i>Terminalia amazonica</i>	200,506	26
15	Maçaranduba	<i>Manilkara huberi</i>	162,559	21
16	Ipe-amarelo	<i>Tabebuia serratifolia</i>	153,451	20
17	Itaúba	<i>Mezilaureus itauba</i>	137,171	26
18	Cerejeira	<i>Amburana acreana</i>	134,000	23
19	Abiu	<i>Pouteria caimito</i>	133,335	23
20	Angico vermelho	<i>Piptadenia suaveolens</i> Miq.	114,034	16
22	Amarelão	<i>Aspidosperma parvifolium</i>	102,781	21
21	Jatobá	<i>Hymenaea courbaril</i>	105,426	11
22	Amarelão	<i>Aspidosperma parvifolium</i>	102,781	21
23	Catuaba	<i>Qualea sp.</i>	100,312	17
24	Corrimboque	<i>Cariniana integrifolia</i> Ducke.	89,162	12
25	Angelim-branco	<i>Hymenolobium heterocarpum</i> Ducke.	72,322	12
26	Tanimbuca	<i>Buchenavia capitata</i>	65,252	9
27	Caixeta	<i>Simarouba amara</i>	58,501	12
28	Caúcho	<i>Castilla ulei</i> Warb.	46,001	10
29	Angelim-pedra	<i>Hymenolobium excelsum</i>	44,231	6
30	Tamarinda	<i>Dialium guianensis</i>	38,177	18
31	Amapá	<i>Brosimum utile</i>	33,818	3

32	Breu	<i>Protium heptaphyllum</i>	32,489	5
33	Angelim saia	<i>Parkia pendula</i>	28,856	4
34	Louro-abacate	<i>Ocotea cymbarum</i>	27,238	6
35	Pororoca	<i>Martiodendron elatum</i>	21,540	6
36	Maracatiara	<i>Astronium lecointei</i>	21,289	3
37	Sucupira amarela	<i>Vatairea sericea</i>	19,871	7
38	Mata-mata	<i>Eschweilera coriacea</i>	19,243	4
39	Guaribeiro	<i>Phyllocarpus riedelii</i> Tol.	18,267	3
40	Faveira	<i>Parkia nitida</i> Miq	15,037	2
41	Quaruba (Cambara)	<i>Vochysia maxima</i>	13,258	3
42	Ipe-roxo	<i>Tabebuia impegitinsa</i>	10,933	2
43	Breu-vermelho	<i>Tetragastris altissima</i>	9,489	5
44	Roxinho	<i>Peltogyne paniculata</i> Benth.	9,430	2
45	Abiurana-rosa	<i>Micropholis guyanensis</i>	7,496	1
TOTAL			9088,843	1173

APÊNDICE 5 Lista dos centros de beneficiamento e consumo: serrarias e marcenarias do Estado do Acre (Fonte dos dados: IMAC).

Regional	Município	Nº de Serras	Nº de Marcenarias		Total Serraria/Regional	Total Marcenarias por Regional	
			Normal	Simplificado		Marcenarias Normal	Marcenarias Simplificado
Baixo Acre	Acrelândia	3	1	8	40	23	156
	Bujari	1	0	0			
	Capixaba	1	1	5			
	Plácido de Castro	1	0	9			
	Porto Acre	7	0	6			
	Rio Branco	25	19	122			
	Senador Guimard	2	2	6			
Alto Acre	Assis Brasil	0	0	0	2	3	20
	Brasiléia	0	0	6			
	Epitacio-lândia	1	2	7			
	Xapuri	1	1	7			
Purus	Manoel Urbano	1	0	3	6	7	13
	Santa Rosa do Purus	0	0	0			
	Sena Madureira	5	7	10			
Tarauacá/Envira	Feijó	2	2	13	5	8	17
	Jordão	0	0	0			
	Tarauacá	3	6	4			
Juruá	Cruzeiro do Sul	1	13	4	1	14	5
	Mâncio Lima	0	0	1			
	Marechal Taumaturgo	0	1	0			
	Porto Walter	0	0	0			
	Rodrigues Alves	0	0	0			



COORDENAÇÃO GERAL FSC BRASIL

Fabiola Marono Zerbini,

Dra em Ciência Ambiental

COORDENAÇÃO GERAL CTA

Maria José Nobrega de Albuquerque,

geógrafa

COORDENAÇÃO TÉCNICA, PESQUISA E ELABORAÇÃO

Otávio Marangoni Souza,

engenheiro florestal

APOIO À PESQUISA

Renata Vivian R. da Silva,

engenheira florestal, residente UFAC

Thaiane Pereira dos Santos,

estagiária de eng. florestal - UFAC

Williane Silva de Souza,

estagiária de artes cênicas - UFAC

